

Correio da Umbanda

Edição 7 - Julho de 2006

Refletindo a Umbanda

Refletir a Umbanda compartilhando conceitos com os prosélitos umbandistas se torna complexo porque, no universo ritualístico externo, e no mais das vezes no interno, dada a diversidade do mundo espiritual, a legitimidade daquele que fala ou escreve sempre é questionada.

Esta situação leva a uma inibição de muitas lideranças, que poderiam participar mais ativamente da porta de entrada dos terreiros para fora, para a sociedade, se unindo a outros terreiros, não somente para dentro, para o público assistente e corpo mediúnico.

Na atualidade, nem mesmo nas comunidades internas de cada agremiação é possível um consenso; desde que perguntarmos para cada médium manifestado – “incorporado” – com uma entidade o que é umbanda, cada uma terá um conceito e orientação diferente.

Talvez esta situação mudasse se quebrássemos o tabu de não se falar em consciência mediúnic, o que nos traria muito mais responsabilidade como instrumentos dos espíritos no sentido de que seríamos artífices ativos, em vez de passivos, do que falamos e orientamos. A manutenção do tabu da inconsciência, um dogma em alguns terreiros, talvez ainda a maioria, nos faz acomodar-nos, pois o que é dito e orientado é “culpa” das entidades, nos liberando de maiores esforços, lamentavelmente também de estudar, pois “o guia faz tudo”. Concluir-se-á que pouco se estuda no meio umbandista.

As discussões bizantinas nos terreiros sobre a “verdadeira” maneira de fazer as coisas, em que sempre se encontram detalhes ritualísticos, ditos fundamentos, que permitem a diferenciação e dão ênfase à interpretação pessoal de cada líder chefe, inclusive dos médiuns “incorporados” em que a entidade dá a sua opinião, não raras vezes questionando diretamente a chefia dos trabalhos, só fazem demonstrar a extrema dificuldade de um campo muito fragmentado na sua relação com o mundo dos espíritos.

Impossível uma uniformidade na diversidade da Umbanda pelo fato de sua natural convergência não significar unidade ritualística. Outro aspecto é que a fala dos espíritos pode ser questionada a qualquer momento pelos chefes de terreiros quando contrariados pela orientação de um guia “subalterno” na hierarquia do espaço sagrado. Desta forma são muito difíceis quaisquer mudanças na maioria dos terreiros que contrariem o interesse do dirigente encarnado.

Logo, em se tratando de prática ritualística e fundamento de cada terreiro, se conclui que dificilmente haverá uma unidade em toda a diversidade existente. Diante dessa constatação, se infere que o movimento de convergência está antes ligado a preceitos mais genéricos.

É consenso fazer a caridade desinteressada, o maior ponto convergente na Umbanda.

Há que se refletir como surgiu na Umbanda a vinculação com a sua essência, fazer a caridade. Pode haver críticas, contrariedades, mas não há como se negar que o apelo caritativo da umbanda, assim como a sua ligação a Jesus Cristo, foram instituídas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas através da inequívoca mediunidade de Zélio de Moraes.

Refletindo a Umbanda (continuação)

Este canal, desobstruído, natural, simples, não teve nenhuma iniciação na Terra, não fez raspagens e nunca precisou de sangue ou corte ritualístico para reforçar o seu tônus mediúnicos. O apelo iniciático é dispensado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, que preparou seu médium em muitas encarnações antes da atual personalidade ocupada. Pensemos sobre isto: o caboclo praticou uma umbanda mediúnica, não iniciática.

O excesso de ritos de iniciação e à ênfase sacerdotal, cria uma casta hierárquica rígida e pode estar sinalizando ausência de mediunidade em muitos centros de umbanda. As complexidades exteriores destes métodos que uns poucos somente dominam emboloram a simplicidade dos médiuns, que ao invés de interiorizarem para perceber o mundo espiritual são condicionados a prestarem atenção e a decorarem incontáveis procedimentos externos, bloqueando a natureza da manifestação mediúnica que ocorre e principia dentro da mente, não fora.

Eis um ponto de contrariedade em muitas lideranças dos terreiros: a vinculação a Jesus e à caridade desinteressada. O “mal estar” não está ligado propriamente a Jesus nas tentativas de dessincretizar a Umbanda, mas ao fato que a moral contida no seu evangelho contraria muitos interesses. Como excluir Jesus e continuar com o sincretismo?

O que está se tentando dizer é que o movimento de reafricanização no meio umbandístico, dispensando a Umbanda da imagem de Jesus e da caridade desinteressada, libera os adeptos para cobrarem as consultas e trabalhos, para realizarem tranqüilamente os sacrifícios dos animais, que desta forma não se confrontariam com a caridade, já que matar nunca poderá ser considerado um ato de amor, logo caritativo.

Este é o fulcro de toda a desarmonia existente nas tentativas de se criar uma unidade de preceitos, de fundamentos, uma mínima ortodoxia doutrinária - obvio que isso não significa cartilha dogmática - no seio da Umbanda.

Exu, O Grande Paradoxo Na Caridade Umbandística

Poder-se-ia aprofundar esta questão, polêmica por si. Como por exemplo refletindo as múltiplas facetas de EXU e a diversidade de interpretações existentes nos cultos.

Desde os idos da antiga África que EXU deixa estupefatos os circunstantes.

Para alguns umbandistas, mais ligados à tendência católico-espírita, é um grande incômodo, e não são permitidas as suas manifestações.

Para outros, liberados de constringências culposas, EXU ainda é vestido pelo inconsciente do imaginário popular com capa vermelha, tridente, pé de bode, sorridente entre labaredas.

Há os que “despacham” EXU para não incomodar o culto aos “orixás”.

Exu, sendo considerado entidade, não deve entrar, dizem os ortodoxos que preconizam a pureza das nações. Ali não tem lugar para egum...espírito de morto...

Existem os mais entendidos nos fundamentos da natureza oculta que compreendem EXU como o movimento dinâmico de comunicação entre os planos de vida. Entendem que o axé – asé – impulsiona a prática litúrgica que, por sua vez, o realimenta, pondo todo o sistema em mo-

Refletindo a Umbanda (continuação)

vimento. EXU, vibração indiferenciada, não manifestada na forma transitória de um corpo astral ou outro veículo do plano concreto, é o que põe em movimento a força do axé – asé – por meio da qual se estabelece a relação de intercâmbio da dimensão física – concreta – com a rarefeita, a dimensão espiritual.

Em conformidade com esta conceituação, passa EXU a ser indispensável e o elemento de ligação mais importante em toda liturgia e prática mágica umbandista.

Sendo EXU o transportador, o que leva e traz, fecha e abre, para os africanistas ligados às tradições antigas, como concebe-lo sem o sacrifício animal para realimentação da força vital – o asé -, diante do preceito- tabu – de que o sangue é o perfeito e indispensável condensador energético com essa finalidade?

Quando nos referimos a africanista, não quer dizer negro. Para ser africanista, no sentido de se preconizar a retomada dos antigos ritos tribais, pode se ter qualquer cor de pele. Existem muito negros que têm verdadeira ojeriza a qualquer sacrifício, assim como há muitos brancos a postos com a faca afiada.

Pedimos muita reflexão sobre os próximos dizeres.

Reduzir toda a movimentação das forças cósmicas e seu ciclo retro-vitalizador ao derramamento de sangue pelo corte sacrificial é uma visão estreita, fetichista, da DIVINDADE. É uma posição reducionista, que demonstra dependência psicológica. Na atualidade se verifica que esta “práxis” extrapolou os limites de fé dos antigos clãs tribais e objetiva a manutenção financeira de cultos religiosos e o prestígio de seus chefes, dado que o sangue equivocadamente está ligado a força, poder, resolução de problemas e abertura dos caminhos. Saber manipula-lo, ter cabeça feita, ser iniciado no santo simboliza este poder. Este apelo mágico divino atrai, pelo natural imediatismo das pessoas em resolver seus problemas.

Afirmamos que é plenamente possível se movimentar todo o axé – asé -, harmonicamente integrado com a natureza de amor cósmico e crística da umbanda, equilibrado com a sua essência que é fazer a caridade desinteressada, e GRATUÍTA, sem ceifar vidas e derramar sangue.

O próprio aparelho mediúnicó é o maior e mais importante vitalizador do ciclo cósmico de movimentação do axé – asé. Ele é o “fornecedor”, a cada batida do seu coração, do sangue que circula em todo seu corpo denso, repercutindo energeticamente nos corpos mais sutis e volatilizando-se no plano etérico. Desta forma, os espíritos mentores, que não produzem essas energias mais densas e telúricas, se valem de seus médiuns que fornecem a vitalidade necessária aos trabalhos caritativos aos necessitados. Há os espíritos que vampirizam estes fluídos. São dignos de amor, de amparo e socorro, o que fazem as falanges de umbanda.

O Apelo Mágico da Iniciação: Raspar a Cabeça e Deitar Pro Santo

Vamos levantar algumas questões para a reflexão. Não visamos julgar quem quer que seja, pois o respeito ao livre arbítrio de cada um é soberano.

Por outro lado, muitos ritos das nações se contrapõem à umbanda pelo lado estético, exterior: o luxo e a criatividade das roupas usadas contrastam violentamente com a simplicidade e

Refletindo a Umbanda (continuação)

austeridade umbandista. Assim, embora o caráter festivo das cerimônias das nações seja confrontado com a utilidade do trabalho “simplório” da Umbanda, são justamente o luxo e as apoteoses que agem como imã sobre os médiuns que estão na Umbanda.

Mesmo com o custo excessivos das iniciações e dos adereços, muitos umbandistas acabam se interessando pelas raspagens e deitar pro santo, por quê?

Seguem algumas constatações dos motivos:

- Na umbanda os médiuns incorporam espíritos simples para fazer a caridade anonimamente, se identificando por nomes simbólicos. Nas nações os iniciados se transformam em deuses poderosos que controlam os trovões e ventos, onde a presença do santo no “cavalo” é motivo de veneração coletiva. A combinação de música, dança, luxo, decoração, comida, gera uma fascinação irresistível sobre os espectadores;
- Tornar-se iniciado significa prestígio e brilhar nas cerimônias confere autenticidade à manifestação do santo;
- Os que são iniciados e continuam em seus terreiros de umbanda, chefes espirituais, aos olhos da assistência e clientes se tornam mais “poderosos”, com um axé – asé – “mais forte”, aumentando a procura por seus serviços mágicos, o que oportuniza maior ganho financeiro, status e prestígio frente ao mercado religioso;
- Acham que “reforçando” sua mediunidade, fazendo o corte ritual no alto do crânio, assentando o “orixá”, terão mediunidade mais inconsciente, o que tornará seu tônus mediúnico mais forte.

Cada vez mais se vê terreiros que se rendem ao apelo mágico desse tipo de iniciação, introduzindo as raspagens, camarinhas, cortes ritualísticos. Numa segunda etapa, preconizam “libertar” a umbanda, dessincretizando-a, “africanizando-a” nas tradições antigas, para dispensar o atrito desses ritos com a essência umbandista: a caridade desinteressada.

Está Faltando Mediunidade na Umbanda

Pensemos a umbanda.

Relembremos o Caboclo das Sete Encruzilhadas e o canal mediunidade.

A manifestação mediúnica cristalina, inequívoca, num jovem de 17 anos.

Refletamos na essência da umbanda com o Cristo Cósmico, na sua maior representação que foi Jesus na Terra.

Qual o motivo de o Caboclo das Sete Encruzilhadas ter associado o movimento nascente, que era pré-existente no Astral muito antes, à caridade, à disciplina, à austeridade do branco, à igualdade entre todos, à simplicidade sem ritos complexos e sacrificiais?

Na verdade, pensemos que para ser médium “basta” manifestar-se os guias, pois se nasce com eles. Ninguém na Terra poderá botar ou tirar os espíritos que estão destinados a traba-

Refletindo a Umbanda (continuação)

lharem com os médiuns. Quem tem mediunidade, quem tem coroa pra trabalhar, já vem com ela antes de encarnar. Não precisa pagar para ninguém firmar o seu santo, assentá-lo na sua glândula pineal.

A mediunidade é um dom de Deus, de Olurum, dos Orixás.

A umbanda é mediúnica.

Reflitamos sem julgamentos, baseados em fatos.

Somos umbandistas.

O QUE É SER UMBANDISTA?

Fraternalmente,

Yutomi
O Caravaneiro do Umbral

Espírito indu-chinês que outrora muito atuou como guia bateador, pelo fato de ser profundo conhecedor da “geografia” das zonas trevosas umbralinas.

Auxiliava as falanges da umbanda a se movimentarem nestas regiões em suas incursões de resgate o que o credenciou a trabalhar nos terreiros da crosta elaborando roteiros de excursões a estes locais.

*Enviado por Norberto Peixoto
Choupana do Caboclo Pery
Porto Alegre - RS
norpe@portoweb.com.br*

Ser Filho de Umbanda

Ser filho de Umbanda não é só se vestir de branco, entrar em um terreiro, cantar meia dúzia de pontos, deixar a entidade incorporar, prestar consultas e pronto. Trabalho feito. “Vou para casa deitar e dormir tranquilo porque pratiquei a caridade e fui exemplo para meus irmãos”.

Ser filho de Umbanda é se **doar** pelo terreiro que te abrigou e se doar mais ainda pelas entidades com as quais você trabalha. Afinal, você não os escolheu, eles te escolheram. Seguir seus dogmas e suas crenças. Mas não acreditar piamente em tudo.

Ser filho de Umbanda é ser **questionador**. É saber o por que das coisas, o como, o por onde e como fazer melhor. É estudar, pois “religião não se discute, se estuda e se pratica”. É ter paixão por estudar, por conhecer a fundo a religião que ama e professa no dia a dia.

Ser filho de Umbanda é ser da **família** UMBANDA! Sim, pois ser umbandista é fazer parte de uma família. É ser abraçado por pessoas com os mesmos ideais que o seu e que por uma questão, talvez karmica, estão na mesma casa que você.

Ser filho de Umbanda é ser **fiel** aos princípios ensinados pelas entidades, pelos irmãos, pais ou mães no santo. É ser umbandista 24 horas por dia, sete dias por semana. E não apenas uma vez ao mês durante a gira de caridade.

Ser filho de Umbanda é fazer da **caridade** um objetivo de vida, e não praticá-la para não ser castigado ou então para não parecer feio perante a sociedade. A caridade tem que vir do fundo do coração. Tem que ser um desejo incontrolável de ver o próximo bem. Com alimento, saúde, esperança e, o principal, amor. Pois caridade que é caridade é movida pelo amor ao próximo.

Ser filho de Umbanda é ser **humilde**. Abaixar a cabeça quando alguém grita e dar a outra face quando alguém te bate. Mas deve-se também lembrar que ser humilde, não é se deixar ser humilhado. Levantar a voz em defesa do irmão, do mais fraco, dos discriminados. É usar a voz não para humilhar, mas para elevar quem precisa.

Ser filho de Umbanda é ser **amor**. Amor com o amigo, com a família e com o conhecido. Mas é acima de tudo ser amor pelo inimigo, pelo desconhecido. É rezar por quem não gosta de você e pedir sempre a Deus por aquela pessoa em suas orações.

Ser filho de Umbanda é **igualdade**. Tratar toda pessoa como igual, independente de sua roupa, de sua carteira ou de sua aparência. É saber respeitar as diferenças que nos fazem tão iguais perante Deus. Pois Deus é plural. É uno e plural. É um para todos. É um no coração de cada um.

Ser filho de Umbanda é **fé**. Fé nos Orixás, manifestações do amor de Deus nas nossas vidas, fé nas entidades que trabalham com você e que te amparam na hora de dificuldade. É ter fé em você mesmo. É acreditar. Pois quem faz com amor, não faz errado. O errado vira certo.

Ser filho de Umbanda é **trabalho**. Responsabilidade. Compromisso. Quando você se torna filho de uma casa, assume um compromisso com ela e com a sua banda de trabalhar. Trabalhar pelo bem, pela evolução do próximo e pela sua.

Ser filho de Umbanda é ser filho de **DEUS**. É se sentir amado a cada dia da sua vida por alguém que você não pode ver, mas que você sente e que está sempre lá olhando por você e torcendo por sua alegria.

Ser filho de Umbanda é ser humano. Amar, errar, viver, aprender, trabalhar, lutar, acreditar, pratica.

Ser filho de Umbanda é ser sempre. E “apenas” ser.

A Umbanda e Sua Proposta Universalista - Respeito a Diversidade

É comum presenciarmos irmãos Umbandistas falando: - “o meu terreiro pratica a Umbanda Pura”; - “o meu centro pratica a Umbanda esotérica”. Ou tantos outros nomes utilizados para diferenciar os diversos rituais existentes dentro do movimento umbandista.

A diversidade presente na Umbanda é fruto de sua proposta universalista.

Ela estrutura-se a partir de três pilares principais, os quais sejam a matriz africana, a matriz indígena e a matriz européia, abarcando conceitos e práticas advindos destes e fundindo-os em suas células para formar um ritual próprio.

A maneira com que cada Terreiro/Tenda/Centro organiza esses três pilares básicos é muito particular: existem terreiros que pendem para os rituais africanos, praticando o que chamamos Umbanda Traçada, Omelokô, “Umbandoblé?; outros pendem para as práticas indígenas, se aproximando muito do Toré, das religiões com forte influência nativa do Norte do Brasil, inclusive em certas ocasiões fazendo-se uso da famosa ayahuasca; já outros aproximam-se do kardecismo europeu, daí decorrendo boa parte de seus rituais; há ainda os terreiros que combinam igualmente, duas ou até mesmo as três matrizes. Ou seja, há “n” formas de se cultuar a Umbanda, partindo apenas desse pressuposto inicial.

Não bastasse toda essa diversidade, ao longo dos anos, devido a própria capacidade receptiva que a Umbanda possui, outros aspectos foram incorporados à ela. A Umbanda pode ser influenciada pelo Taoísmo, pelo Budismo, pelo Hinduísmo, pela Corrente da Fraternidade Branca, pela Projeciologia, enfim, por uma variada gama de religiões.

Surgem as mais diversas correntes, escolas, doutrinas que explicam a Umbanda de maneira diversa. A Umbanda não tem um chefe, um líder, que diga como deve ser cultuada; seus líderes são os guias, os espíritos, que cuidam e dirigem nossos terreiros.

Contudo, apesar de ser tão diversa, apesar de ser influenciada por tantos aspectos, a Umbanda, em todas estas vertentes, apresenta características comuns: é a famosa unidade na diversidade.

A essência da Umbanda é a mesma! Com se diz, “Umbanda é Umbanda”, não importando se é Umbanda Omelokô, Umbanda Branca, Esotérica ou qualquer outra denominação que se der. Se guiada por espíritos de luz, comprometidos com o Cosmos, se voltada à caridade, se faz bem àqueles que a procuram, se há incorporação de caboclos, pretos-velhos, etc., é Umbanda.

Quem pode dizer que a Umbanda mais ligadas aos cultos de nação não é Umbanda?

Quem pode dizer que a Umbanda mais afim aos preceitos orientais não é Umbanda?

É justamente essa “unidade na diversidade” que vai caracterizar a Umbanda e também nos mostrar que ela é uma religião com características próprias e rituais comuns, a diferenciando de outras religiões.

E qual será o motivo disso tudo? Porque a Umbanda é tão variada?

Bom, isso é uma resposta que somente o Alto e os guias podem nos oferecer. O máximo que podemos fazer são suposições.

A Umbanda e Sua Proposta Universalista - Respeito a Diversidade (continuação)

Seria talvez para abarcar o maior número de pessoas? Ou para uma possível unificação de todas as religiões num momento ulterior? Ainda não sabemos.

O que se sabe é que, sendo uma proposta que vem do Alto até nós, deve ser reconhecida e respeitada. E é justamente essa consciência de “respeito” que deve aflorar primeiramente entre nós.

Como queremos codificar a Umbanda se não há ainda o respeito devido entre seus integrantes?

Como queremos codificar a Umbanda se há preconceitos, se há disputas, se há vaidade em seu seio?

Assim procedendo, formular-se-á o Código de UMA Umbanda e não o Código da Umbanda.

Penso que o mais importante a fazer é deixar A Umbanda seguir seus rumos pelos próprios pés; nós fazemos a nossa parte, ajudando os guias, praticando a caridade, aplicando a cada dia uma reforma íntima em nosso corpo e alma, respeitar cada forma de se cultuar nossa religião.

Eles fazem a deles.

E se um dia for necessária uma Codificação, que ela parta do Alto e não de Baixo, porque, cá entre nós, “lá em cima” há um pouco mais de Amor e Sabedoria em cada coração umbandista.

Diego Jörgensen

*Centro de Umbanda Emissários da Luz – Caboclo Pena Verde
Curitiba/PR*

diegojorgensen@yahoo.com.br

O Ponto Cantado na Umbanda

A música é utilizada desde os tempos mais remotos, como uma forma de contato entre nós, seres humanos e a Divindade. Na própria bíblia existem muitas passagens que nos mostram isso.

A Umbanda, religião anunciada em 15 de novembro de 1908 pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, também utiliza desse processo através dos pontos cantados, que são verdadeiros mantras, ou ainda, preces, que dinamizam forças naturais e nos fazem entrar em contato íntimo com as Potências Espirituais que nos regem.

O ponto cantado está entre os fundamentos de mais importância para os trabalhos dentro de uma tenda de Umbanda e por isso, os curimbeiros ou ogãs devem conhecer o mínimo necessário sobre a magia musical gerada por esses cânticos, para que os mesmos sejam entoados no momento certo, uma vez que possuem vibrações e finalidades próprias para cada momento ou tipo de trabalho.

Isso é importante, pois, quando entoados em hora imprópria, os pontos podem perder o sentido, ou até atrapalhar a sessão. Por exemplo: de que adianta você cantar um ponto de chamada, quando as entidades já estão preparadas para voltarem à Aruanda? Se não for por ordem de um Mentor Espiritual, esse ponto em nada auxiliará nos trabalhos realizados, ou pior ainda, poderá sim, criar um problema, provocando a incorporação de uma entidade, numa hora imprópria, principalmente num médium ainda não desenvolvido.

Os pontos cantados dividem-se em pontos de raiz, que são enviados pelos espíritos (incorporados ou através de outra manifestação mediúnica, como a inspiração). Estes não podem ser modificados, pois possuem ligações diretas com a Entidade que o passou.

Já os pontos terrenos, são feitos pelas pessoas, sem intervenção espiritual e podem ser aceitos pela Espiritualidade, desde que pautados na razão, bom senso e fé de quem os compõe. Deve-se tomar cuidado com a colocação das palavras, pois termos indevidos podem abrir portas para os planos negativos do astral, além de deixar uma marca negativa para a religião.

Quanto a função, os pontos podem ser, de chegada e partida, de vibração, de descarrego, de saudação, etc...

Importante: cante com o coração... Palavras jogadas ao vento não trarão as energias necessárias que o ponto cantado pode gerar e vibrar dentro do terreiro.

Sandro da Costa Mattos - Ogã da APEU

*Associação de Pesquisas Espirituais Ubatuba
São Paulo/SP*

scm-bio@bol.com.br

Utilização da Apometria num terreiro de Umbanda

A técnica de desdobramento induzido conhecida como apometria se adapta perfeitamente ao ritual de Umbanda e à caridade prestada por um templo. Os consulentes podem ser encaminhados pelos Caboclos e Pretos Velhos no dia da consulta, sendo marcado para atendimento específico no grupo que se utiliza da técnica apométrica, em dia especial para este fim. O objetivo é realizar atendimentos individualizados de caridade: casos que requerem manifestação de espíritos sofredores, obsessões complexas, desmancho de magia negativa e distúrbios psíquicos e espirituais que de uma maneira geral não são indicados de serem atendidos no dia de consulta, em que existe uma grande demanda de consulentes ao mesmo tempo no interior do templo.

Características dos Trabalhos

Os trabalhos são todos realizados na frente do Congá. Os médiuns ficam sentados – não ficam em pé, o que facilita as manifestações de espíritos sofredores - em círculo e o consulente no meio da corrente. Inicialmente são abertas as atividades com a criação de campos de força de higienização, limpeza e proteção, sendo por último o piramidal. São riscados pontos de firmeza dos Orixás e dos guardiões que dão cobertura à corrente mediúnica. Aliado aos comandos verbais e aplicação dos procedimentos apométricos, além dos tradicionais cânticos, são manipulados os elementos fundamentais ao trabalho de magia em conformidade com a ritualística da Umbanda: água, flores, ervas, essências cheirosas, defumações, fogo e álcool.

Roteiro dos Atendimentos

A abertura dos trabalhos é realizada por preces e pontos cantados. Criados os campos de força e os pontos riscados firmados, invoca-se os Guias.

Na verdade, os pontos riscados e os campos de forças apométricos partem do mesmo fundamento: utilização da força mental para se plasmar formas etéreas astrais com diversas finalidades. Esta intenção é potencializada pelo Guia no Astral.

O consulente fica sentado no círculo de médiuns. Geralmente procede-se a limpeza astral dos corpos energéticos, principalmente o etérico que vem acompanhado de necessidade de alinhamento e harmonização dos chacras. Coloca-se o consulente em desdobramento astral pela técnica apométrica e procede-se a abertura dos campos de energias que envolvem os corpos sítis. A partir de então, inicia-se a movimentação das falanges espirituais, e conforme o andamento do atendimento, vai-se “puxando” os pontos-cantados das vibrações do Orixás que estão regendo os trabalhos.

Nos casos mais graves, procede-se ainda aos desmanches e desativação de magias negativas; amuletos, despachos, bases, em que os chefes de falanges, Guias e Protetores, autorizam a atuação dos Exus que dão cobertura aos trabalhos.

Exu, indispensável na apometria associada com a Umbanda

Sempre que fazemos contagens, direcionando pulsos magnéticos através da força mental

Utilização da Apometria num terreiro de Umbanda (continuação)

do dirigente, do guia espiritual e do grupo, com a finalidade de desdobrar o consulente, que fica consciente, alteramos seu estado de consciência e entramos em faixas vibratórias atemporais vibrantes em seus corpos etérico, astral e mental. O presente e o passado se confundem e muitos dos distúrbios medianímicos espirituais são conseqüências de ressonâncias vibratórias com o passado.

Por exemplo, a pessoa não consegue dormir, têm insônia crônica. Ao desdobra-la, verificamos que foi um soldado que foi punido e torturado por ter dormido na guarda do depósito do quartel. O trauma está vibrando em seu inconsciente causando a insônia debilitante. Um colega concorrente a uma promoção na empresa que o atendido trabalha, contrata trabalho, que é feito com penas de coruja – que não dorme a noite – potencializando através de ato magístico negativo a falta de sono da pessoa em foco e tornando-a um “zumbi”.

Com a atuação de EXU, que atua no equilíbrio, sempre, o campo de força que vibra no Astral – em formato de olhos abertos de coruja – é desfeito, e a partir daí, se manifesta nos médiuns do grupo de apometria espíritos sofredores como se estivessem em guerra no front com barulhos ensurdecedores de canhão e bombas, sem conseguirem dormir.

Com atuação do verdadeiro EXU da Umbanda, através do canal mediunidade, sem despachos e oferendas para agradá-lo – isto só pros quiumbas - se instala a cobertura espiritual necessária num grupo de caridade que utiliza a técnica apométrica na Umbanda, preservando os componentes encarnados de “errarem” na aplicação dos procedimentos e acabarem também fazendo magia negativa.

Esta segurança ocorre por que EXU sempre atua com autorização de um Guia representante da Lei Maior, que sabe o que é de merecimento de cada um, assim como os EXUS GUARDIÕES também o sabem, o que não se prende a encarnação atual do espírito atendido, pois ele é um contínuo no tempo e as leis de causa e efeito estão sempre atuando independente do corpo físico animado transitoriamente.

Exu sempre gera o equilíbrio, pois atua no merecimento cósmico de cada espírito. Na Umbanda, deixamos para eles decidirem qual a abrangência do que fazer quando a Divina Luz esta associada com a técnica conhecida como apometria.

A cobertura espiritual do EXUS, através do canal mediunidade em sua essência de simplicidade e vontade de servir ao próximo, é a SEGURANÇA firme para que os que trabalham com apometria dentro do Ritual de Umbanda na Terra.

Norberto Peixoto
Choupana do Caboclo Pery
Porto Alegre - RS
norpe@portoweb.com.br

Dois, dos Muitos Anos que Desejamos

No último sábado (dia 22) houve a comemoração dos dois anos de fundação da sede da Assema, em Curitiba-PR.

Ambiente de alegria, no qual somos recebidos com carinho por todos os membros da corrente e a confraternização se completa na integração com os grupos de outras casas, que estão presentes.

Numa sessão um pouco diferente do habitual, onde houve chamada em todas as linhas, que nas palavras dos dirigentes da casa, foi para agradecer a colaboração pelos trabalhos de caridade realizados.

Muito bom estar entre amigos encarnados e desencarnados (aqueles que nos assistem).

Fomos convidados a fazer parte da corrente, onde Grupos e Templos reuniram-se e onde Caboclos, Pretos-Velhos, Crianças, Exús e Pomba-Giras trabalharam em harmonia, conduzidos pelos mentores da casa.

Como é habitual nesses momentos, percebe-se um respeito incondicional por parte das Entidades que chegam ao Terreiro, quando saúdam àqueles que dirigem os trabalhos. Algo que nós seres imperfeitos, deveríamos assimilar e praticar, sempre.

A integração é plena quando nós visitantes, temos liberdade de dar passagem àqueles que nos assistem, de ajudar nos pontos cantados, nos atabaques, a cambonear as Entidades. Durante aproximadamente quatro horas de trabalho, formamos um grupo só, reunidos pela nossa Umbanda querida.

Acabo sendo repetitivo ao dizer que me sinto bem na casa e fico feliz ao participar dos trabalhos, como parte da corrente. Creio que isso acontece pelo carinho recíproco e pela característica do Marco e da Fátima em trabalhar para, periodicamente, trazer para perto os irmãos de fé.

Nós, quando queremos vibrar com mais intensidade, fazemos nossas orações de mãos dadas. Pude presenciar um momento de magia e pureza, quando pouco antes de subir, os Cosminhos ou Erês, fizeram um círculo no centro do terreiro e sentados deram-se os pés.

Outro momento de união que guardei na memória foi no fechamento dos trabalhos, quando os atabaqueiros foram bater a cabeça e uma médium saiu da formação da corrente e foi substituí-los, espontaneamente.

Hino da Umbanda cantado do fundo do coração, assistência convidada a entrar na corrente para o ponto de confraternização final, abraços, emoção. Que essa Umbanda de fé, caridade, amor e união tenha muitos anos de vida e que Deus nos permita estar presentes, sempre que for possível.

Paulo C. L. Vicente
Templo Espiritualista Sol e Esperança
Templo Espiritualista Anita Zippin - Curitiba-PR
pauloclvicente@gmail.com

Celebrando

Sábado, 22 de julho de 2006. Dia ensolarado em Curitiba. Dia em que a Umbanda estava em festa. A ASSEMA, Associação Espiritualista Mensageiros de Aruanda, estava completando mais um ano de existência. Existência esta física, pois temos certeza que há muito mais tempo, ela se fazia presente no Plano Espiritual.

Eu e mais alguns membros do Centro de Umbanda Emissários da Luz – Caboclo Pena Verde, fomos até à ASSEMA prestigiar essa data especial. Ao entrarmos na Casa percebemos o ambiente de extrema luz e vibração que lá se expandia. O Congá estava sereno e um perfume muito agradável espalhava-se pelo ar. Fomos recebidos muito bem pelo Marco, pela Fátima e pelos demais integrantes da corrente; Como sempre, com inigualável hospitalidade. Lá encontramos amigos de outros Centros, muitos deles conhecemos em reuniões lá na ASSEMA mesmo. Ou seja, o ambiente não poderia estar melhor.

Marco começou a falar na preleção, nos contando um pouquinho da história da ASSEMA e daqueles que estavam lá. Logo, fomos convidados a adentrar no Congá. Como de costume, fui para o lugar que sempre preferi dentro de um terreiro de Umbanda: o cantinho dos atabaques. Lá reencontrei o Renatinho, uma pessoa muito simpática, gente boníssima e que comanda a curimba da ASSEMA. Logo, ele, eu e mais um menino que é membro da ASSEMA começamos a percutir os atabaques...

Dois aspectos me chamaram muito a atenção nestes momentos, em que estávamos curimbando na Gira.

O primeiro foi que em certo momento dos trabalhos, estávamos na curimba, Renatinho, Eu e mais outro amigo, representando o Grupo Espiritualista Caboclo Pena Azul, também de Curitiba, tocando juntos. Três pessoas de Centros diferentes, tocando juntas, sem o menor problema, puxando pontos, em perfeita sintonia. Apesar de tocarmos de maneiras diversas, nos ajustamos um ao outro. Essa é a proposta da Umbanda, não é mesmo? Encontrar a unidade na diversidade.

O segundo aspecto foi mais amplo. Estávamos em posição privilegiada para assistirmos toda a Gira. E do lugar em que estávamos pudemos perceber como é bonita a Umbanda. De forma simples e alegre, estávamos trabalhando todos, pessoas de vários terreiros, com formas de pensar diferentes, mas unidos naquele momento. Estávamos todos, seja ajudando na curimba, seja camboneando, seja auxiliando em tarefas da Casa, seja trabalhando como médiuns, estávamos todos juntos. Naquele momento era como se fôssemos um só Centro de Umbanda, guiados por espíritos diversos trabalhando sob a Luz de Oxalá.

Naquele dia, além de celebrarmos o aniversário da ASSEMA, celebramos a nossa amizade, a nossa união e a de nossos terreiros. Mais que isso, mostramos que podemos nos unir. Assim é a Umbanda. Simples e unida.

Que possamos estar cada vez mais unidos e que nossa amizade possa fluir em todos os sentidos. União em prol da Umbanda, da caridade e da amizade. E que a ASSEMA esteja apenas no início de sua caminhada, tendo ainda muitos anos de luz, paz e harmonia, prestando a todos o auxílio a que se propõe.

Tenho certeza de que nossos Guias estiveram muito contentes neste dia e que uma luz brilhou mais intensa no céu de Curitiba e do Brasil.

Diego Jörgensen
Centro de Umbanda Emissários da Luz – Caboclo Pena Verde
Curitiba/PR
diegojorgensen@yahoo.com.br

Sobre Médiuns Crianças

Estava na minha andança pelas comunidades de Umbanda no Orkut. Algumas com assuntos para lá de saturados, outras apenas com jogos quem parece com o quê. Mas em uma comunidade, Umbanda – Reino de Oxalá, me deparei com uma situação interessante. Uma mãe questionava se a filha, com 10 anos, deveria iniciar seu desenvolvimento mediúnico e contou situações que sua filha com essa idade estava vivendo devido a sua mediunidade não desenvolvida e ainda contava que seu filho mais novo tinha visões. O tema me interessou e achei legal escrever algo a respeito, pois realmente nunca tinha lido nada a respeito desse assunto. Novamente escrevo a minha opinião, não querendo transformá-la em algo a ser imposto ou esgotar o assunto, mas apenas dar uma referência.

Para começar gostaria de levantar um ponto. A idade mínima para que um membro entre em uma corrente mediúnica varia de acordo com cada centro e o entendimento do seu dirigente. Não existe regra geral nesse tema, como não existe em quase nenhum outro tema relacionado a Umbanda.

Li uma vez em algum lugar que se existiam três idades boas para se iniciar o desenvolvimento. Dos 15 aos 17, 25 a 30 e depois dos 40. Concordo em parte com essa colocação e mais tarde no texto pretendo explicar por que. A idade do desenvolvimento de um médium é relativa. É necessário em primeiro lugar responsabilidade, amor, entendimento e compromisso. Não vejo possibilidade de ser médium sem esses requisitos. Em segundo lugar surge a questão do momento pessoal de se entrar em uma corrente. Quem já entrou em uma corrente, sabe que o momento é planejado pela espiritualidade. Que um sentimento invade a pessoa e que ela se vê pedindo para entrar na casa sem nem muito saber o por que de estar ali. Será que uma criança saberá identificar esse momento? E será que ela saberá arcar com as responsabilidades de se trabalhar em uma casa de Umbanda? Ao quero generalizar. Existem crianças que cedo sentem seu momento e têm certeza da vontade de entrar na corrente e da sua capacidade de se doar pela casa.

Essa mãe também falou que ao conversar com sua filha, que se abriu, sentiu a presença de uma entidade que dominava a sua filha. E ao surge outro questionamento, que envolve médiuns de todas as idades. Alguma entidade dominar o indivíduo. Começo por ressaltar que toda entidade de UMBANDA respeita e prega o livre-arbítrio, portanto seria inaceitável uma entidade forçar a pessoa. Pode sim enviar uma forte irradiação ao médium que confuso dará passagem, mas mesmo nesse caso, toda entidade de Umbanda respeitará um pedido de subida. Assim como entidade nenhuma força o médium a se desenvolver e nenhum médium ficará “arrastado”, doente ou com atraso na sua vida caso não se desenvolva. Afinal a mediunidade é uma dádiva, não um lamento, uma obrigação.

Como muitos textos tratam a mediunidade é um compromisso assumido antes de reenarmos com o intuito de nos auxiliar na nossa evolução ou como aparelho para se ajudar na evolução de outras pessoas, como acontece com alguns médiuns. Então o compromisso é mantido quando encarnado, mas há ainda o respeito à vontade do espírito encarnado. As entidades nos indicam o momento em que devemos iniciar o desenvolvimento, mas não nos obrigam. E isso faz parte da “mágica” da Umbanda. O início do desenvolvimento orientado por um guia ou Orixá. Por isso não pode haver obrigação.

Outro ponto a ser tratado é a influência dos pais na vontade da criança se envolver com a religião ou não. Vejo a Umbanda como um caminho a ser indicado e como um caminho para o qual se deva forçar alguém. A entrada de uma criança na corrente deve partir em primeiro mo-

Sobre Médiuns Crianças (continuação)

mento da vontade da criança e em segundo da disponibilidade da mesma. Existem empecilhos que nos atrapalham no início da vida espiritual. Por vezes falta de condição física e/ou psico-emocional, problemas com horário e por aí vai. E o astral respeita esses fatores e programa o momento, por isso levanto o fato da criança também saber seu momento de começar o desenvolvimento.

Agora volto ao início do texto para explicar o por que de concordar com as idades de se iniciar o desenvolvimento. Crianças até 15 anos ainda não sabem muito bem o que é responsabilidade (não é regra geral) e querem mais é saber de brincar, se divertir e aproveitar o final da infância. Mas depois dos 15, normalmente a idade que se entra no ensino médio, o então adolescente, já começa a criar determinadas responsabilidades. Seu horário já fica mais bem definido e o jovem começa a ter um envolvimento pessoal com a religião. Até essa idade normalmente é mais por influência, ou obrigação, dos pais. Ainda existe a falta de responsabilidade e o desejo de curtir a vida, mas em algumas pessoas isso desaparece mais cedo. Com cerca de 25 anos, a pessoa já tem alguma independência financeira e maior responsabilidade. Normalmente o trabalho já está definido e a pessoa consegue montar seu horário de forma a conciliar suas tarefas. Depois dos 40, o indivíduo passa a ser dono do seu nariz e fica muito mais fácil se trabalhar em uma seara sem tantos problemas. Lógico que as dificuldades existem em todas as idades e em todos os momentos, mas essas idades são fases mais marcantes de transição na vida da pessoa. Ainda levanto a possibilidade de uma criança em seus 13 anos começar o desenvolvimento mediúnic, mas dependendo de sua responsabilidade e comprometimento. Como já disse, cada caso é um caso, portanto pré-definir uma idade seria ignorância.

Então, começo a trabalhar agora em cima da velha e correta prerrogativa, “Todos nascemos médiuns”, para trabalhar com a vidência em crianças. Quando crianças, ainda somos muito puros e não fomos corrompidos pela maldade do mundo. Isso permite que nosso contato com a espiritualidade seja muito mais forte, por isso algumas crianças vêem espíritos com frequência. Isso é comum. Por isso algumas casas proíbem crianças de determinadas idades de assistirem as sessões. Seria conflitante, se não assustador para uma criança ver uma entidade incorporando ou então olhar obsessores sendo doutrinados. Mas isso não impede que os pais espíritas e espiritualistas conversem com a criança, expliquem o que acontece, por que e o que ela vê. Explicação diminui a ignorância e o medo. Quando a criança ainda é muito nova e não é capaz de entender, rezem. Peçam proteção para aquela criança. Os anjos de guarda delas jamais as deixarão desamparadas. Infelizmente com o tempo, essa vidência tende a diminuir, portanto não é nada que afetará profundamente a vida da criança, na maioria das vezes ela nem se lembrará que isso acontecia.

Portanto, a idade da entrada de um médium em um terreiro não pode ser definida. A única definição é a vontade do próprio médium. Saibamos esperar a vontade de nossas crianças antes de nos desesperarmos e forçarmos a sua entrada em uma casa.

Matheus Zanon Figueira
Centro Espiritualista Caboclo Pery
Niterói - RJ
matheussally@gmail.com

Milho de Pipoca

Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho para sempre.

Assim acontece com a gente.

As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo.

Quem não passa pelo fogo, fica do mesmo jeito a vida inteira.

São pessoas de uma mesmice e uma dureza assombrosa.

Só que elas não percebem e acham que seu jeito de ser é o melhor jeito de ser.

Mas, de repente, vem o fogo.

O fogo é quando a vida nos lança numa situação que nunca imaginamos: A dor.

Pode ser fogo de fora: Perder um amor, perder um filho, o pai, a mãe, perder o emprego ou ficar pobre.

Pode ser fogo de dentro: Pânico, medo, ansiedade, depressão ou sofrimento, cujas causas ignoramos.

Há sempre o recurso do remédio: apagar o fogo! Sem fogo o sofrimento diminui.

Com isso, a possibilidade da grande transformação também.

Imagino que a pobre pipoca, fechada dentro da panela, lá dentro cada vez mais quente, pensa que sua hora chegou: vai morrer.

Dentro de sua casca dura, fechada em si mesma, ela não pode imaginar um destino diferente para si. Não pode imaginar a transformação que está sendo preparada para ela.

A pipoca não imagina aquilo de que ela é capaz.

Aí, sem aviso prévio, pelo poder do fogo a grande transformação acontece: BUM!

E ela aparece como uma outra coisa completamente diferente, algo que ela mesma nunca havia sonhado.

Bom, mas ainda temos o piruá, que é o milho de pipoca que se recusa a estourar.

São como aquelas pessoas que, por mais que o fogo esquente, se recusam a mudar.

Elas acham que não pode existir coisa mais maravilhosa do que o jeito delas serem.

A presunção e o medo são a dura casca do milho que não estoura.

No entanto, o destino delas é triste, já que ficarão duras pela vida inteira...

Transformem-se na flor branca, macia e nutritiva.

Mudem! Pensem Nisso...

Autoria desconhecida

*Enviado por Sandro da Costa Mattos - Ogã da APEU
Associação de Pesquisas Espirituais Ubatuba
São Paulo/SP
scm-bio@bol.com.br*

O Tempo de Deus

Um excelente nadador tinha o costume de correr até a água e de molhar somente o dedão do pé antes de qualquer mergulho.

Uma pessoa intrigada com aquele comportamento, lhe perguntou qual a razão daquele hábito. O nadador sorriu, e respondeu: Há alguns anos eu era um professor de natação. Eu os ensinava a nadar e a saltar do trampolim.

Certa noite, eu não conseguia dormir, e fui até a piscina para nadar um pouco. Não acendi a luz, pois a lua brilhava através do teto de vidro do clube. Quando eu estava no trampolim, vi minha sombra na parede da frente. Com os braços abertos, minha imagem formava uma magnífica cruz. Em vez de saltar, fiquei ali parado, contemplando minha imagem.

Nesse momento pensei na cruz de Jesus Cristo e em seu significado.

Eu não era um cristão, mas quando criança aprendi que Jesus tinha morrido na cruz para nos salvar pelo seu precioso sangue.

Naquele momento as palavras daquele ensinamento me vieram a mente e me fizeram recordar do que eu havia aprendido sobre a morte de Jesus.

Não sei quanto tempo fiquei ali parado com os braços estendidos.

Finalmente desci do trampolim e fui até a escada para mergulhar na água. Desci a escada e meus pés tocaram o piso duro e liso do fundo da piscina.

Haviam esvaziado a piscina e eu não tinha percebido.

Tremi todo, e senti um calafrio na espinha.

Se eu tivesse saltado seria meu último salto.

Naquela noite a imagem da cruz na parede salvou a minha vida.

Fiquei tão agradecido a Deus, que ajoelhei na beira da piscina, confessei os meus pecados e me entreguei a Ele, consciente de que foi exatamente em uma cruz que Jesus morreu para me salvar.

Naquela noite fui salvo duas vezes e, para nunca mais me esquecer, sempre que vou até a piscina molho o dedão do pé antes de saltar na água...

"Deus tem um plano na vida de cada um de nós e não adianta quereremos apressar ou retardar os acontecimentos, pois tudo acontecerá no seu devido tempo, e esse tempo é 'O TEMPO DE DEUS' e não o nosso!!!"

Autoria desconhecida

*Enviado por Sandro da Costa Mattos - Ogã da APEU
Associação de Pesquisas Espirituais Ubatuba
São Paulo/SP
scm-bio@bol.com.br*

Perguntamos a Ramatís

PERGUNTA – Alguns “umbandistas” acusam-vos de ser demasiadamente eletivo, complicando o que é simples, “misturando” conceitos da apometria, teosofia, hinduísmo, maçonaria e rosacrucianismo, em vossos recentes ensinamentos sobre a Umbanda. Quais vossas considerações a respeito?

RAMATÍS – Se residis num edifício em que cada uma das janelas é feita de um material específico e pintada com uma cor distinta das demais, o vosso andar ou endereço deixará de ser o mesmo dos demais moradores do prédio? Obviamente as opiniões estandardizadas de alguns prosélitos, quando contrariados em seu ideal de umbanda, podem confundir o que é eletivo com o ser elitista. Sem dúvida muitos irmãos encarnados que se dizem umbandistas se mostram refratários à diversidade, querendo impor verdades em meio a diferenças, apontando para todos os lados o que é ou não é umbanda, indicando qual espírito pertence ou não a suas hostes, transferindo para o lado de cá essa guerra de vaidades veladas. Nossos singelos conhecimentos que são passados através da mediunidade intuitiva do atual sensitivo não ousam impor verdades absolutas, nem totalizar a Umbanda num elitismo sacerdotal, abstraindo da simplicidade seus usos e costumes, como muitos almejam para si.

O simples conhecimento não significa sabedoria, e sim como ele é aplicado. Claro está que a busca do saber se dá através do estudo continuado das verdades cósmicas universais, que independem das doutrinas da Terra, o que vos levará a um comportamento de eleição diante da enorme diversidade de conhecimentos espiritualistas registrados na história e contidos na Umbanda.

O “estar” teosofista, maçom, hinduísta, budista, rosacruz, espírita, umbandista, é mero rótulo que fragmenta as leis cósmicas na Terra e separa o homem da sua essência que é “ser” espírito, iludindo-o com a aparência transitória da personalidade terrena, algemada ao molde de carne. Vibrando na essência permanente da Umbanda, do Alto para a Terra, se unem espíritos de pretos velhos, caboclos, crianças, exus, hindus, árabes, etíopes, chineses, europeus, ciganos, boiadeiros, negros, vermelhos, amarelos e brancos que se manifestam aos vossos olhos através de todas as raças que já pisaram em solo terreno. O que é “permanente” e se fará infinito, como unidade essencial nas diversas formas de exteriorização da umbanda, é o amor e a caridade em nome do Cristo.

PERGUNTA – Os Orixás, o que são?

RAMATÍS - Existem vários padrões vibratórios que envolvem vosso orbe e o cosmo; os Orixás atuam em faixas de frequência vibratória que se interpenetram. Essas forças divinas, subatômicas, são “acondicionadas” em várias combinações, em ritmos peculiares, ocasionadas pelos seus próprios movimentos, traduzindo a imensidão cósmica do Incriado, em maior ou menor amplitude de ondas, em maior ou menor grau de densidade. No universo tudo é energia em diferentes estágios de condensação.

O que mais se aproxima do vosso entendimento é que os Orixás são as emanções oriundas do Divino, expressas desde as dimensões imateriais sem forma até os mundos manifestados na forma - astral, etérico, físico - em planos de vida distintos, de faixas vibratórias específicas. O que mantém a harmonia universal são os Orixás, essas vibrações cósmicas conhecidas milenarmente pelas religiões e filosofias orientais e que agora estão sendo elucidadas com maior clareza para o Ocidente.

Perguntamos a Ramatís (continuação)

Toda a condensação de energia movimentada no Cosmo tem inicialmente a atuação de uma mente poderosa, seja ser angélico, engenheiro sideral, arcanjo ou mentor ascensionado, consciências individualizadas de alta estirpe evolutiva que atuam como “Orixás Maiores”. Mas tudo no cosmo parte de uma força maior, abstrata, sem forma e imanifesta, que nunca teve ou terá individuação, sendo única e inigualável, e que mantém a própria coesão energética do universo manifestado nas formas, deste os planos superiores, menos condensados e rarefeitos, até o astral mais inferior, condensado e denso; repercute vibratóriamente em vós, como se fosse o plano material um gigantesco mata-borrão - nas matas, nas cachoeiras, nos mares, no ar, no fogo, na terra, nos homens, animais, todas as variações de energias espirituais pulsantes em vida infinita, alimentadas pelo Eterno. Os poderes volitivos dos Orixás são origem de todo o processo de agregação de energia, formadores de todas as dimensões do Cosmo imensurável.

PERGUNTA - Como, quando e de que maneira os Orixás entram dentro do contexto de umbanda? São trabalhados, incorporados?

RAMATÍS - Os Orixás são aspectos da Divindade, altas vibrações cósmicas que se rebaixam até vós, propiciando a manifestação da vida em todo o universo. É preciso compreenderdes que existem vários planos vibratórios no Cosmo e que Deus, em sua benevolência, se manifesta por meio de vibrações próprias em cada dimensão, não sendo Ele, o Incriado, estas vibrações energéticas em si, mas permanecendo sem manifestar-se diretamente. Cada um dos Orixás tem peculiaridades e correspondências próprias na Terra: cor, som, mineral, planeta regente, elemento, signo zodiacal, essências cheirosas, ervas, entre outras afinidades astromagnéticas que fundamentam a magia da umbanda por linha vibratória.

Assim, a cada um dos Sete Orixás se afiniza uma plêiade de espíritos que atuam nas formas estruturais que sustentam o movimento de umbanda no Espaço: pretos velhos, caboclos e crianças, plasmando um triângulo fluídico magnético do Plano Espiritual Superior que “flutua” sobre o Brasil, onde para o seu centro se direcionam as vibrações dos sete Orixás, do Cristo Cósmico e de todas as formas e raças espirituais que se enfeixam na umbanda para fazer a caridade como entidades auxiliares.

Na Umbanda os Orixás não incorporam. Afirmamos que isso é impossível. Não são da natureza universal quaisquer manifestações personificadas dos Orixás.

Assim, os Orixás se “manifestam” indiretamente, na umbanda, através dos espíritos que se unem no plano astral formando as Sete Linhas Vibratórias, uma para cada um d’Eles, ditos Orixás. É um método de se unirem organizadamente em auxílio aos filhos da Terra. Nenhuma linha vibratória que representa um Orixá é melhor que outra. Todas têm a mesma importância.

PERGUNTA – Quais os motivos de serem tão comuns e aceitas nos cultos afro-brasileiros as personagens ditas orixás e suas histórias de amor e quizilas?

RAMATÍS – Os cultos afro-brasileiros são massificados, assim como a umbanda o é. Isto não quer dizer que esses cultos não tenham ritos internos eletivos, para uns poucos, inciados nos segredos velados à maioria profana, ao contrário das práticas ritualísticas umbandistas que devem ser simples e aberta a todos. Estudai as mentes dos indivíduos comuns, cidadãos aposentados, trabalhadores da indústria de construção, donas de casa, desempregados, marceneiros,

Perguntamos a Ramatís (continuação)

pedreiros, artesãos, pequenos comerciantes, e verificareis que em geral são totalmente voltadas para o exterior. São pessoas cujas atenções se prendem aos ritos externos, com o desfile de imagens simbólicas que causam contínuas impressões no campo das suas consciências simples e ainda incapazes de abstrações meditativas silenciosas na busca do eu interior do espírito eterno.

As tradições orais africanas foram mantidas pelas histórias de personagens ancestrais, maneira sábia de associar a reverência ao divino numa cultura que não registrava seus conhecimentos e se mantinha com a imperiosa necessidade do segredo para perpetuação do poder sacerdotal das castas dominantes. Os enredos de quizilas e amores dos orixás, considerados personificações de um passado remoto povoado de deuses intempestivos (*) e ligados às várias famílias-de-santo espalhadas em muitos clãs tribais, estava de acordo com as crenças da época, que levavam essas comunidades a ter como verdadeiro o dogma que preceituava que eles encarnavam sempre numa mesma parentela.

Com a universalização no Brasil das crenças do panteão africanista, que foram popularizadas com as tradições das diversas nações escravizadas, muitos prosélitos desses cultos massificados na atualidade começam a entender o verdadeiro sentido dos orixás e aceitam essas historietas romanescas de ódios, vinganças e amores irascíveis como maneira didática de se associar os arquétipos de cada orixá, os tipos comportamentais humanizados, com os crenes que lhes são afins em vibrações, o que contribui saudavelmente para o esclarecimento e melhoria de todos.

(*) Os enredos – histórias de amores, lutas, ciúme e inveja, vaidade e poder – atribuídos aos orixás não se diferenciam em natureza daqueles atribuídos aos deuses do Olimpo grego, herdados com novos nomes pelos romanos. No fundo, constituem representações didáticas para simbolizar o conteúdo de forças que atuam no psiquismo humano - mais fáceis de fixar, para o povo, que princípios abstratos.

Pergunta: Seria possível os orixás serem entidades espirituais privilegiadas, que não sofreram ingerências cármicas nos ciclos evolutivos, como definem alguns umbandistas, baseados em filósofos e iogues do Oriente, especialmente nas escrituras antigas do hinduísmo – como a Vedanta ?

RAMATÍS – As escrituras sagradas da Vedanta (*) explicam o que são os purushas – orixás -, muitas vezes interpretados por alguns “iogues” apressados como uma unidade individual da Consciência Divina. Em outros esclarecimentos, filósofos de ocasião afirmam que alguns purushas individualizados não seriam submetidos às leis cármicas como os demais. Distinguir um tipo especial de purusha como individualidade que não teria passado pelo processo de evolução que é igual para todos os espíritos, colocando-o como livre e intocado das aflições dos demais, causa confusão em muitos escritos de estudiosos umbandistas até os dias atuais, pelo fato de interpretarem equivocadamente os ensinamentos antigos do Oriente.

É possível a uma consciência individualizada evoluir até um estágio glorioso e elevado, muito próximo do Incriado, contribuindo na criação cósmica, mas não sendo o Criador.

Imaginal na hierarquia espiritual do cosmo um dirigente de sistema solar ou até de uma galáxia (**), consciência onipresente em todas as formas de vida que evoluem nos diversos planetas submersos em sua poderosa mente sideral, o que pode ser entendido como um purusha-visesa - ou orixá maior. Os diversos sistemas solares e as dimensões vibratórias que os susten-

Perguntamos a Ramatís (continuação)

tam vivem, movem-se e são mantidos energeticamente pela Realidade Única que é Deus.

A Suprema Realidade indiferenciada que não se manifesta diretamente em nenhum plano de existência do universo, que para os hindus é reverenciado como Parabrahman, é de difícil compreensão para o homem comum. Para ele é impossível “dimensionar” a infinita escala evolutiva que envolve a expansão das consciências individualizadas, o que o leva a confundir as altas individualidades Dirigentes do Cosmo com divindades com privilégios frente às imutáveis e igualitárias leis universais.

Cada entidade dirigente que vibra como um orixá maior – purusha visesa – passou pelo ciclo evolutivo desde o mineral até atingir um estágio inimaginável a vós. Cada espírito é uma unidade de consciência independente e assim permanecerá eternamente, desde que só existe Um inigualável. O fato de as diversas individualidades espirituais separadas do Todo Universal, do Imanifesto, da Divindade Maior, serem intimamente “unos” com Ele, coexistindo em unidade e separatividade ao mesmo tempo, num eterno devir, constitui um paradoxo da existência espiritual que as palavras limitadas pelo mero intelecto dos filósofos e sacerdotes humanos jamais permitirão ser compreendido; o verdadeiro entendimento de vossa original natureza junto ao Criador exige que estejais liberto das reencarnações sucessivas.

Nenhuma entidade espiritual ou consciência individualizada obtém favorecimentos frente às leis cósmicas. Mesmo para uma entidade dita orixá maior, purusha-visesa, não é possível cruzar o limite da onisciência imposto pela Realidade Una, a Suprema Divindade, assim como uma torneira fica seca quando colocada acima do nível do reservatório que a supre de água.

(*) Filosofia dos Vedas – escrituras sagradas da Índia antiga.

(**) Vide, a propósito, o capítulo “Os Engenheiros Siderais e o Plano da Criação”, da obra Mensagens do Astral, de Ramatis, médium Hercílio Maes, ed. do Conhecimento.

PERGUNTA – Afinal, o que é exu?

RAMATÍS – O Incriado, o Imanifesto, o Deus único, não se manifesta diretamente. D’Ele se expande um “fluído” informe, que interpenetra todas as sete dimensões vibratórias do Cosmo e, acima dessas faixas, torna-se novamente Uno com o Pai. Num descenso vibratório, o Divino, através de exu, seu agente mágico, transforma-o em veículo de manifestação da Sua vontade, oportunizando Sua manifestação indireta em todas as vibrações e formas do universo. Todas as ondas, sons, luzes, magnetismo e eletricidade são simples meios de manifestação de exu, que possibilitam a junção atômica das energias cósmicas em formas que conseguis entender em vossa escassa percepção de encarnados.

PERGUNTA: Nas tradições africanistas, exu é considerado o mensageiro dos planos ocultos, dos Orixás, sendo o que leva e trás, o que abre e fecha, nada se fazendo sem ele na magia. O que isso quer dizer?

RAMATÍS – Liberando o panteão africanista das lendas antropomorfadas recheadas de símbolos e arquétipos do inconsciente coletivo, reforçados oralmente pelos sacerdotes tribais ao logo das gerações - maneira inteligente de fixar conhecimentos que de outra forma desapareceriam - conclui-se que exu é um aspecto do Divino que tudo sabe, não há segredos para ele. A vibração de Exu, indiferenciada, atua em todas as latitudes do cosmo, não fazendo distinção de ninguém,

Perguntamos a Ramatís (continuação)

tendo um caráter transformador, promovendo as mudanças necessárias para o equilíbrio, justas, na balança cármica de cada espírito. Lembrai-vos de que antes da calmaria a tempestade rega a Terra, refresca e traz vitalidade; ao mesmo tempo destrói, desfaz ribanceiras e quebra árvores com raios dos céus.

Exu é o princípio do movimento, que tudo transforma, que não respeita limites, pois atua no ilimitado, liberto da temporalidade humana e da transitoriedade da matéria, interferindo em todos os entrecruzamentos vibratórios existentes entre os diversos planos do universo. Por isso, Exu é considerado o mensageiro dos planos ocultos, dos Orixás, sendo o que leva e trás, o que abre e fecha, nada se fazendo sem ele na magia.

Nas dimensões mais rarefeitas, se confunde, unido junto aos Orixás, com o eterno movimento cósmico provindo do Incriado, sendo característica d'Ele, denominação dessa qualidade transformadora impossível de ser transmitida no vocabulário terreno. A personalização do princípio denominado "exu" guarda certa analogia com a que resultou no deus indu Shiva – que constitui com Brahma e Vishnu a Trindade indiana. Shiva – o princípio do movimento - cria e destrói os mundos ao ritmo de sua dança cósmica (A "dança de Shiva"), enquanto Vishnu simboliza o princípio conservador, que mantém as formas.

Dar-lhe a identidade e forma concreta de um deus, que se podia representar, foi a única maneira de simbolizar um princípio abstrato cósmico, inalcançável para a mentalidade popular. Com Brahma, o criador, e Vishnu, o princípio estabilizante do cosmo, forma a "trindade" hindu, que não se constitui de "Deuses", mas essencialmente de "princípios" cósmicos, aspectos do Criador.

Grosseiramente, exu movimentava a energia, ele não é a energia: o movimento rotatório do orbe cria as ondas, mas não é a água dos mares.

PERGUNTA – Por que exu faz "par" com os Orixás? Podeis dar-nos um exemplo planetário de espíritos que atuam na vibração de exu?

RAMATÍS - São muitos os espíritos que trabalham nas vibrações de exu nas várias dimensões cósmicas. No universo tudo é energia e na umbanda não é diferente; tudo se transforma para o equilíbrio, gerando harmonia. Por isso, precisais entender as correspondências vibracionais dos quatro elementos planetários: ar, terra, fogo e água, relacionando-os com cada um dos Orixás, regentes maiores das energias cósmicas, aprofundando a compreensão da magia específica de cada exu. Eles atuam com peculiaridades próprias nos sítios vibracionais da natureza, fazendo par com os Orixás, pois o eletromagnetismo do orbe é dual: + e -, positivo e negativo. O Uno, o Eterno, o Incriado, Zambi, Olurum, um mesmo nome que representa a Unidade Cósmica, é "energia" e precisa se rebaixar para chegar aos planos vibratórios mais densos, onde estais agora. O Uno é dividido tornando-se dual, tendo duas polaridades onde existe a forma, o universo manifestado na matéria, interpenetrado com o fluído cósmico universal.

Daremos um nome polêmico de exu, ao menos para os zelosos das doutrinas puras: os denominados exus do lodo. Energicamente, os espíritos comprometidos com o tipo de trabalho que chancela esse nome, atuam entre dois elementos planetários, terra e água. Se misturardes um pouco de terra com água, tereis a lama, o lodo.

Essas entidades agem através do princípio universal de que semelhante "cura" seme-

Perguntamos a Ramatís (continuação)

lhante: transmutam miasmas, vibriões etéricos, larvas astrais, pensamentos-forma pegajosos, pútridos, viscosos e lamacentos, e outras egrégoras "pesadas" de bruxarias e feitiçarias do baixo astral, que se formam nos campos psíquicos - auras - de cada consulente, suas residências e locais de trabalho, desintegrando verdadeiros lodaçais energéticos, remetendo-os para os locais da natureza do orbe que entrecruzam vibratoriamente a terra e a água: beira de rios, de lagos, encostas de açudes, e outros locais que têm lama e lodo. Nestes casos, embora, entrecruzam-se nas demandas sob o comando de caboclos da falange de Ogum Iara. Podem, também, atuar próximo aos mares, à água salgada, agora sob o comando de caboclos da falange de Ogum Beira-Mar ou Ogum Sete Ondas. Por isso o ato ritualístico em alguns terreiros de jogar um copo de água na terra - solo - para fixar a vibração magnética da entidade, no momento da sua manifestação mediúnicamente - elemento que serve de apoio para a imantação vibratória das energias peculiares à magia trabalhada.

Observações do Médiun

Tive oportunidade, durante o sono físico e o desdobramento natural do corpo astral, de vivenciar uma experiência direta com essas energias ditas Orixás. Fui conduzido pela mente disciplinada de Ramatís, que tem outorga para interagir nos planos rarefeitos. Caso contrário isto seria impossível.

Antes de descrever o que vi, escutei e senti, o que terei dificuldade pelas limitações da linguagem oral-escrita, comento que nestas ocasiões me enxergo no meio de paisagens coloridas, como se fosse um tipo de holograma teatral na quarta dimensão, em que tudo é mais vivo, rápido, intenso e real.

Visualizei feixes de ondas num céu de cor azul-chumbo repleto de matizes avermelhados. Essas ondas eram como muitas "raízes" que se multiplicavam numa descida vibratória e formavam um tronco maior que se transformava num tipo de enfeixamento ondulatório único, parecido com um tornado; um vórtice "ventoso" que girava em seu centro e vinha se rebaixando até o solo. Explicaram-me, para o meu entendimento, que isso era a manifestação do Orixá Xangô e seria mostrado como poderia interferir na vida de um cidadão com a sua regência vibratória desde o nascimento.

Ato contínuo, esse vórtice "ventoso" se compacta e tem seu ponto de contato no alto da cabeça – chacra coronário - de um indivíduo. A partir de então muda o cenário. Este arquétipo personificado, em seus aspectos positivos é um homem bem vestido, trajando um vistoso terninho azul-marinho. É um político ou advogado de sucesso, com carro e motorista a disposição. Articulado, um líder nato, falante, de gargalhada fácil, uma inteligência marcante e personalidade forte.

Rapidamente muda a sucessão de cenas e o seu motorista está sozinho, esperando-o ansioso. O patrão está numa festa e se esqueceu do horário. Neste momento sobressaem os aspectos negativos da regência do seu Orixá de cabeça; a figura dramatizada é egocêntrica, egoísta e radical. Não respeita nada e ninguém, achando-se dono da verdade. A sua esposa que o espere, pois ninguém vai mandar na sua vida. De volta ao automóvel e diante do motorista aturdido, chegando à residência, a companheira abre a porta de entrada e cobra-o pelo adiantado da hora na alta madrugada. Ele ataca-a, mostrando enorme rigidez, lembrando-lhe todas as mordomias que lhe dá e que a manutenção desse status depende de seu trabalho e de diversos meios para vencer a guerra da vida, que não tem hora para iniciar nem acabar.

Perguntamos a Ramatís (continuação)

Entendi que tudo que experimentei nesse desdobramento clarividente foi para a minha compreensão de como os Orixás se “materializam” em nossos comportamentos, decorrência da natureza livre no cosmo que nos influencia, ou seja, a regência que cada força cósmica dita Orixá exerce em nossas vidas e posturas, ajudando a moldar nossos modos de ser.

Óbvio que o conhecimento desses “arquetipos” nos facilita o entendimento do que sejam os Orixás. Interiorizados em nossa cognição, interferem efetivamente em nossos comportamentos, sem determinismos. Servem como mais um referencial didático para a nossa evolução espiritual. O que definirá os aspectos negativos e positivos de nossas condutas, independente de compreendermos todo o misticismo da umbanda e das religiões no intercâmbio com as forças da natureza, é o exercício do nosso livre-arbítrio individual e a relação de causalidade que isso estabelece com os outros e na coletividade social que nos abriga, forjando o justo merecimento naquilo que vamos colher - que é obrigatório, ao contrário da sementeira.

"Este texto é inédito e faz parte de livro no prelo pela Editora do Conhecimento, pela autoria de Ramatís - Norberto Peixoto, no qual o título da obra só será divulgado após a mesma estar impressa.

Em primeira mão, o CORREIO DA UMBANDA informa que o conteúdo desta publicação é todo sobre Umbanda."

Norberto Peixoto
Choupana do Caboclo Pery
Porto Alegre - RS
norpe@portoweb.com.br

A Consciência de Sua Missão ...

Freqüentemente, eu me pergunto:
"O que cada um de nós está fazendo neste planeta?"

Se a vida for somente
tentar aproveitar o máximo possível as horas e os minutos,
esse filme é bobo.

Tenho certeza de que existe um sentido melhor em tudo o que vivemos.

Para mim, nossa vinda ao planeta Terra tem, basicamente, dois motivos:
evoluir espiritualmente e aprender a amar melhor.

Todos os nossos bens, na verdade, não são nossos.

Somos apenas as nossas almas.
E devemos aproveitar todas as oportunidades que a
vida nos dá para nos aprimorarmos como pessoas.

Portanto, lembre-se sempre que
os seus fracassos são sempre os melhores professores
e que é nos momentos difíceis
que as pessoas precisam encontrar
uma razão maior para continuar em frente.

As nossas ações, especialmente quando temos de nos superar,
fazem de nós pessoas melhores.

A nossa capacidade de resistir às tentações,
aos desânimos, para continuar o caminho, é que nos
torna pessoas especiais.

Ninguém veio a essa vida com a missão de
juntar dinheiro e comer do bom e do melhor.
Ganhar dinheiro e alimentar-se bem fazem parte da vida,
mas, não podem ser a razão de viver.

Tenho certeza de que pessoas como Martin Luther King,
Mahatma Ghandi, Nelson Mandela, Madre Tereza de Calcutá,
Irmã Dulce, Betinho e tantas outras anônimas,
que lutaram e lutam para melhorar a vida dos mais fracos e dos mais pobres,
não estavam motivadas pela idéia de ganhar dinheiro.

O que move, então, essas pessoas generosas a trabalhar
diariamente, sem jamais desistir?

A resposta é uma só:
a consciência de sua missão nesta vida.

Quando você tem a consciência de que, através do seu trabalho, está realizando sua missão,

A Consciência de Sua Missão ... (continuação)

você desenvolve uma força extra,
capaz de levá-lo ao cume da montanha mais alta do planeta.

Infelizmente, muita gente se perde nesta viagem
e distorce o sentido de sua existência,
pensando que acumular bens materiais é o objetivo da vida.

E quando chega no final do caminho percebe
que o caixão não tem gavetas e que só vai poder
levar daqui o bem que fez às pessoas.

Se você tem estado angustiado sem motivo aparente,
está aí um aviso para parar
e refletir sobre o seu estilo de vida.

Escute a sua alma:
ela tem a orientação sobre qual caminho seguir.

Tudo na vida é um convite para
o avanço e a conquista de valores,
na harmonia e na glória do bem.

Autor Roberto Shinyashiki
Endereço do site www.shinyashiki.com.br

Enviado por: Alexandre Morós
Centro de Umbanda Caboclo Arruda
Curitiba - PR
alexarrob@hotmail.com

Em Busca da Paz

O dia que o coração do homem, for tocado pela verdadeira caridade e se compadecer pela dor do seu irmão, nesse dia realmente ele conhecerá o amor puro e verdadeiro.

Nesse dia então ele compreenderá a verdadeira grandeza do universo.

Verá no brilho do olhar e no sorriso de uma criança toda a pureza e a grandiosidade que Deus lhe colocou nas mãos e que ele não sabe aproveitar.

Nesse dia sim, ele saberá o que é a paz, o que é a felicidade, pois reconhecerá o verdadeiro progresso no seu sentido positivo e entenderá que progredir significa a vitória da inteligência sobre o hábito, do ideal sobre a rotina, do futuro sobre o passado, do verdadeiro intelecto sobre os instintos animais.

Não adianta saber as causas das guerras, ou melhor tentar justificar que o ódio e a sede de poder ainda são maiores que a humildade, o amor, e o perdão.

Não adianta pregar campanhas contra o subdesenvolvimento, da fome, da marginalização social, do racismo e muita outras se ele não investir corajosamente na procura da perfeição a qual ainda se encontra longe do alcance da natureza humana, pois as guerras, a violência nos mostram as falhas e a necessidade de aperfeiçoamento que os anos acabam por evidenciar.

Não adianta pregar religiões, pois o nosso Deus está dentro de nossos corações, independente do nome que lhe é atribuído.

Se analisarmos de forma fria e racional, podemos cair no ceticismo. Sabermos que o nosso ideal supremo de paz e de um mundo melhor é quase que praticamente inatingível, não implica que devemos abrir mão dele, mas sim que temos que analisar de forma diferente.

A perfeição não deve ser a meta ansiada, mas a direção para a qual orientaremos os nossos esforços. Se não procedermos assim, terminaremos frustrados. É exequível e necessário que por meio de uma constante busca de auto-superação aproveitemos o máximo de nossas virtualidades para engrandecermos continuamente o nosso espírito, não apenas através de obras grandiosas ou feitos excepcionais que não estão ao alcance do homem comum, mas nos contatos cotidianos e nas pequenas obras nas quais dedicaremos apenas três atributos : FÉ ,ESMERO E AMOR ...

Com esses atributos teremos a certeza que estaremos caminhando em direção da verdadeira paz, a qual não se resume à simples ausência de guerras.

A paz é algo mais amplo, mais completo, menos precário.

Ela se constrói no dia a dia, na busca de uma ordem que traga consigo uma justiça cada vez mais perfeita entre os homens.

*Autora Sandra Rahal
Porto Alegre/RS - 17/07/2006*

*Enviado por Sandro da Costa Mattos - Ogã da APEU
Associação de Pesquisas Espirituais Ubatuba
São Paulo/SP
scm-bio@bol.com.br*

Mediunidade e Movimentos Energéticos

As recomendações e pressupostos descritos são totalmente válidos para a apometria praticada na Umbanda. A dinâmica desta associação, impõe grande dispêndio de energia vital, animal - não só a mental - e se torna imprescindível o acoplamento vibratório com os Guias e Protetores que no espaço se apresentam como Caboclos, Pretos Velhos, Exus, Ciganos, Orientais; exímios nesta "engenharia" energética. Ou seja, não basta somente a nossa força mental, nosso potencial anímico. Precisamos da parceria com o Plano Maior.

Durante o acoplamento mediúnico, os mentores utilizam uma grande quantidade de energias, tanto as originadas dos condensadores energéticos do Templo, como as do médium e as atraídas pelo próprio mentor através de vários processos magísticos. Estas energias são direcionadas para a manutenção do contato mediúnico, para a consulta e ativações sobre o consulente e também como ajustes para o próprio médium. A entidade responsável pelo mediunismo de seu aparelho sabe como ativar, paulatinamente, certos conteúdos do inconsciente do médium, possibilitando um aprimoramento psíquico e também expandindo gradualmente suas percepções do Plano Astral.

Quando uma Entidade da Umbanda atua sobre seu médium, movimenta as variantes do Prana (Prana, Apana, Vyana, Udana e Samana), de acordo com a vibratória original dela e com as forças que ela necessita para desenvolver determinado trabalho. Para que isto ocorra de maneira satisfatória, sem prejuízo para o médium, é preciso que o mesmo esteja com seus canais mediúnicos limpos, com seus condutores energéticos desimpedidos. Estes canais mediúnicos e condutores energéticos referem-se aos chacras no Organismo Astral, aos Plexos no Organismo Etéreo-físico e a pequenos canais com funções semelhantes às dos vasos sanguíneos ou fibras nervosas, denominados pelos hindus como nadis ou pipas, e pelos chineses como meridianos, no organismo etérico.

Para que um médium possa estar com seus fluxos energéticos adequados, duas condições devem ser observadas:

1º - o médium deve cultivar valores morais positivos, zelar por seus pensamentos e sentimentos, procurando conhecer-se e utilizando as práticas orientadas pelos mentores de sua casa em como proceder para atingir este objetivo;

2º - deve procurar os alimentos mentais, astrais e físicos apropriados para restabelecer o desgaste energético a que é submetido no dia-a-dia pelo exercício de suas atividades mediúnicas, isto se faz através de visualizações, cantos ou mantras, da magia vegeto-astro-magnética e pela freqüência nos sítios sagrados da Natureza.

A atenção para esses fatores básicos impedem que o médium tenha suas forças exauridas, que se comporte como uma bateria elétrica que se descarrega e não mais funciona. Mantendo constantes esses princípios o médium será como um gerador de energia, capaz de transformar energias negativas em positivas, ou mesmo absorver energias positivas e mudar seu estado para mais sutil ou mais denso(ex: a transformação de energia etérica em astral, e vice-versa). Estamos aqui nos referindo aos médiuns verdadeiramente assistidos pelo Astral Superior.

Devido às dificuldades impostas pelo próprio médium, muitas vezes os Mentores não po-

Mediunidade e Movimentos Energéticos (continuação)

dem movimentar todo potencial energético de que dispõem, pois o médium com seus condutores alterados, oferecendo resistência à passagem de correntes, poderia ter sua constituição ameaçada em sua integridade. Este é um dos motivos pelos quais raros médiuns são qualificados como médiuns-magistas - e apômetras -, tendo suas ações restritas a certas movimentações leves da magia etéreo-física, sem as chamadas Ordens e Direitos de atuação neste âmbito.

Após ter iniciado suas atividades como médiuns, a maioria dos indivíduos tem ainda seus canais energéticos com certos estreitamentos locais, certas deformidades, que correspondem às imperfeições mentais e astrais do indivíduo e por atos em outras vidas, armazenados na memória astral e que influenciaram na organização etéreo-física do presente corpo. Através dos ritos de adestramento mediúnico, da doutrina e até da atividade prática, os mentores em contato mediúnico desfazem certos bloqueios energéticos e, por conseqüência, ativam na memória astral inconsciente do médium os conteúdos que originaram estes bloqueios. Esta sutil e programada interferência sobre a memória cármica do médium é feita à medida que o mesmo vai adquirindo condições, através do aprendizado com os mentores e com o Mestre encarnado, de resolver estes dilemas conscienciais e seguir avante na jornada evolutiva espiritual.

Dissemos que conforme a ligação entre o médium e o mentor que lhe assiste vai se estreitando, se há o empenho do médium na observância das maneiras de manter o mediunismo, os nós e deformações dos condutos energéticos vão se dissolvendo lentamente e os conflitos conscienciais que os geraram também vão sendo equacionados. Esta fluência maior de energias permite uma ampliação da atuação do Mentor sobre aquele médium, nas consultas e trabalhos. De fato, quanto mais sintonizado estiver o discípulo, mais há o deslocamento da atuação mediúnica que passa do campo etéreo-físico e astral para o campo mento-astral. Entretanto, embora outras formas de comunicação mediúnica possam ser utilizadas, estes médiuns e seus Mentores não se esquecem da mecânica de incorporação, tão necessária na atualidade às grandes massas, pelas provas inegáveis da vida do espírito.

Em função do tipo de atuação mediúnica e da vibratória da entidade, há certa predominância de uma das variantes do Prana. Estas energias significam fonte de vida para todos os seres e provêm mais diretamente do Sol, decompondo-se em seu espectro de variantes (as cinco acima citadas ou dez se considerados seus aspectos negativos) após a entrada na atmosfera terrestre. O Poder Volitivo dos Aráshas Ancestrais - Orixás - é o responsável pelas variações do Prana e pela manutenção da vida no planeta, nos reinos mineral, vegetal e animal que são a base de sustentação da vida e dos processos de encarne e desencarne do Reino Hominal.

A Ciência da Movimentação de Forças Sutis de acordo com os Ciclos e Ritmos do Universo, sob a Lei Suprema, faz parte da Doutrina de Umbanda, ensinada pelos seus Guias Astralizados que muitas vezes se apresentam nos Templos como simples Caboclos e Pretos-Velhos. Assim o fazem no intuito de demonstrar que precisamos de fortaleza moral e de atividade efetiva em nossa vida espiritual para estarmos em harmonia com as correntes cósmica da evolução que levam da Matéria ao Espírito da Morte à Vida Eterna, da Ilusão à Realidade, mas, acima de tudo, de muita humildade, amor e propósito em servir desinteressadamente.

Norberto Peixoto
Choupana do Caboclo Pery
Porto Alegre - RS
norpe@portoweb.com.br

Você é Umbandista

Você diz que é umbandista quando perguntado qual é a sua religião?

Você casaria (ou casou) numa tenda de Umbanda, independente da vontade da sua família?
Você batizaria (ou batizou) seus filhos na Umbanda?

Você seria capaz de sair de branco, numa passeata ou procissão em louvor aos Orixás?
Você respeita a natureza, enquanto Reinos Divinos dos Orixás?

Você acha que praticar a caridade não se resume em incorporar seus guias no terreiro?
Em suas orações, além de pedir por sua família,
pede também a Deus para abrandar os corações humanos?

Você desistiria de um passeio, viagem ou festa para não faltar a um trabalho normal do terreiro?

Você gosta de adquirir novos conhecimentos sobre mediunidade e Umbanda,
absorvendo principalmente através das palavras dos Guias e Mentores,
do seu dirigente espiritual e também filtrando os textos dos diversos livros sobre os temas?

Você ama seu próximo como a si mesmo?

Se você disse mais NÃO do que SIM, preste atenção!!!!
VOCÊ AINDA NÃO É UM UMBANDISTA.

Mas pode ser.... para isso, basta assumir sua religião!

Lembre que a Umbanda é Fé, Amor e Caridade e disso, ninguém deve se envergonhar.
Seja bem-vindo! Oxalá te espera com os braços abertos!

Sandro da Costa Matos

Mensagem de Luz

"Não precisamos realizar grandes obras a fim de mostrarmos um grande amor por Deus e pelo próximo. É a intensidade do amor que colocamos em nossos gestos que os torna algo especial para Deus e para os homens".

Madre Tereza de Calcutá

Purificação

Renuncie à escravidão dos desejos da matéria. Enquanto você não tiver estabelecido seu domínio espiritual sobre o corpo, este será seu inimigo. Lembre-se disto sempre! Não tenha outro desejo senão o de proclamar o nome do Senhor, pensar Nele e cantá-lo todo o tempo. Que alegria! Poderá o dinheiro proporcionar-nos tal alegria? Não! Essa alegria vem somente de Deus.

Paramahansa Yogananda

*Enviado por Sandro da Costa Mattos - Ogã da APEU
Associação de Pesquisas Espirituais Ubatuba
São Paulo/SP
scm-bio@bol.com.br*

As Sete Lágrimas de um Pai Preto

Foi numa noite estranha aquela noite queda; estranhas vibrações afins penetravam meu Ser Mental e o faziam ansiado por algo, que pouco a pouco se fazia definir... Era um quê desconhecido, mas sentia-o, como se estivesse em comunhão com a minha alma e externava a sensação de um silencioso pranto... Que no mundo Astral emocionava assim um pobre “eu”? Não o soube, até adormecer... e sonhar... Vi meu “duplo” transportar-se atraído por cânticos que falavam de Aruanda, Estrela Guia e Zambi; eram as vozes da SENHORA DA LUZ-VELADA, dessa UMBANDA DE TODOS NÓS que chamava seus filhos de fé...

E fui visitando Cabanas e Tendas, onde multidões desfilavam... Mas, surpreso ficava com aquela “visão” que em cada uma eu “via”, invariavelmente, num canto, pitando, um triste Pai-preto, chorava. De seus “olhos” molhados, esquisitas lágrimas desciam-lhe pelas faces e não sei por que, contei-as... Foram sete.

Na incontida vontade de saber, aproximei-me e interroguei-o: fala Pai-preto, diz a teu filho, por que externas assim uma tão visível dor? E Ele, suave, respondeu: Estás vendo essa multidão que entra e sai? As lágrimas contadas, distribuídas estão dentro dela...

A primeira eu a dei a esses indiferentes que aqui vêm em busca de distração, na curiosidade dever, bisbilhotar, para saírem ironizando daquilo que suas mentes ofuscadas não podem conceber.

Outra, a esses eternos duvidosos que acreditam, desacreditando, na expectativa de um “milagre” que os façam “alcançar” aquilo que seus próprios merecimentos negam.

E mais outra foi para esses que crêem, porém, numa crença cega, escrava de seus interesses estreitos. São os que vivem eternamente tratando de “casos” nascentes um após outro...

E outros mais que distribuí aos maus, aqueles que somente procuram a UMBANDA em busca de vingança desejam sempre prejudicar a um seu semelhante – eles pensam que nós, os Guias, somos veículos de suas mazelas, paixões, e temos obrigação de fazer o que pedem... pobres almas, que das brumas ainda não saíram.

Assim, vai lembrando bem, a quinta lágrima foi diretamente aos frios e calculistas – não crêem, nem descrêem; sabem que existe uma força e procuram se beneficiar dela de qualquer forma. Cuida-se deles, não conhecem a palavra gratidão, negarão amanhã até que conheceram uma casa da UMBANDA... Chegam suaves, têm o riso e o elogio à flor dos lábios, são fáceis, muito fáceis; mas se olhares bem seus semblantes verás escrito em letras claras: creio na tua UMBANDA, nos teus Caboclos e no teu Zambi, mas somente se vencerem o “meu caso”, ou me curarem “disso ou daquilo”...

A sexta lágrima eu dei aos fúteis que andam de Tenda e Tenda, não acreditam em nada, buscam apenas aconchegos e conchavos; seus olhos revelam um interesse diferente, sei bem o que eles buscam.

E a sétima, filho, notaste como foi grande e como deslizou pesada? Foi a ÚLTIMA LÁGRIMA, aquela que “vive” nos “olhos” de todos os Orixás; fiz doação dessa, aos vaidosos, cheios de empáfia, para que lavem suas máscaras e todos possam vê-los como realmente são... “Cegos, guias de cegos”, andam se exibindo com a Banda, tal e qual mariposas em torno da luz; essa mesma LUZ que eles não conseguem VER, porque só visam a exteriorização de seus próprios “egos”... “Olhai-os” bem, vede como suas fisionomias são turvas e desconfiadas; observai-os

As Sete Lágrimas de um Pai Preto (continuação)

quando falam “doutrinando”; suas vozes são ocas, dizem tudo de “cor e salteado”, numa linguagem sem calor, cantando loas aos nossos Guias e Protetores, em conselhos e conceitos de caridade, essa mesma caridade que não fazem, aferrados ao conforto da matéria e à gula do vil metal. Eles não têm convicção.

Assim, filho meu, foi para esses todos que viste cair, uma a uma, AS SETE LÁGRIMAS DE PAI-PRETO! Então, com minha alma em pranto, tornei a perguntar: não tens mais nada a dizer, Pai-Preto? E, daquela “forma velha”, vi um véu caindo e num clarão intenso que ofuscava tanto, ouvi mais uma vez...

“Mando a luz da minha transfiguração para aqueles que esquecidos pensam que estão... ELES FORMAM A MAIOR DESSAS MULTIDÕES...” São os humildes, os simples; estão na UMBANDA pela UMBANDA, na confiança pela razão... SÃO OS MEUS FILHOS DE FÉ. São também os “aparelhos”, trabalhadores, silenciosos, cujas ferramentas se chamam DOM e FÉ, e cujos “salários” de cada noite... são pagos quase sempre com uma só moeda, que traduz o seu valor numa única palavra – a INGRATIDÃO...

W. W. da Matta e Silva

Apelo Espírita

Irmãos, faze:

De cada ensinamento que recebes uma instrução do Plano Superior;

De cada tarefa, por mínima que seja,
uma realização em que deixes os melhores sinais de tua presença;

De cada conversão, um entendimento construtivo;
De cada conversação, um mensageiro de tua cooperação, no levantamento da felicidade geral;

De cada relação nova, uma sementeira de bênçãos;
De cada necessitado, um irmão que te espera o auxílio, em nome da Divina Paternidade;

De cada desapontamento, um teste de compreensão;
De cada experiência, um ensejo de aprender;

De cada hora, uma oportunidade de servir;
Companheiro da Terra, és o viajor em trânsito na hospedaria do mundo!...

Guarda o coração e a consciência, na prática do bem, de tal modo, que possas receber, com o despertar de cada manhã, um novo renascimento na casa física e, no descanso de cada noite, um ensaio de regresso tranquilo ao teu lar verdadeiro, na Vida Espiritual.

Pelo espírito Albino Teixeira - Chico Xavier

*Enviado por Sandro da Costa Mattos - Ogã da APEU
Associação de Pesquisas Espirituais Ubatuba
São Paulo/SP
scm-bio@bol.com.br*

Entrevista

Marco: Norberto, boa noite, quero dizer para você que a gente está feliz de estar conseguindo este contato para fazer esta entrevista com você. Espero que a gente faça um bom trabalho. A gente já teve alguns contatos via email, trocamos algumas mensagens, mas conversar, mesmo que não pessoalmente, é sempre bom. Quero te agradecer primeiramente por ter aceitado nosso convite. Esse é um trabalho que a gente está iniciando aqui em Curitiba. O Paulo iniciou e eu estou me agrupando a ele nesse trabalho, e espero que a coisas continuem cada vez melhores para nós, que o jornal está crescendo e com certeza a tua entrevista vai contribuir muito para isso.

Paulo: Norberto, boa noite. Eu agradeço a oportunidade de fazer essa entrevista. Estamos felizes de poder ter feito contato com você. Acho que conhecer um pouco mais da tua vida de umbandista vai ser uma boa experiência e a gente espera ter um bom bate-papo.

Marco: Norberto, para a gente poder começar a conhecer você um pouco melhor, eu gostaria que você fizesse um relato da sua mediunidade, da sua chegada a Umbanda.

Norberto: boa noite Marco, boa noite Paulo. Não cheguei na Umbanda nesta encarnação. Eu simplesmente nasci nela no plano da matéria: papai era umbandista e quando consegui ficar em pé no berço já via as sessões de Umbanda. Tenho informações dos Guias espirituais que me assistem que fiquei 10 anos antes de reencarnar trabalhando direto na Umbanda no Astral, sensibilizando minha mediunidade que afloraria neste atual corpo físico. Aos sete anos fui batizado na Cachoeira de Coroa Grande no Rio e a partir daí fui cambono. Quanto a minha mediunidade, percebo que ela foi se modificando com o tempo. No início, eu incorporava bastante, dava muita consulta e dependia deste tipo de manifestação. Com o tempo fui ficando cada vez mais clarividente e clariaudiente, sentindo as entidades sem estar incorporado, sendo que este tipo de mediunidade é que prepondera hoje. Após a abertura da Choupana, terreiro que fundei junto com um grupo, percebo que isto se intensificou e as entidades dos outros médiuns e que não tem compromisso de trabalhar comigo diretamente também se comunicam regularmente. Também ocorre de não estar "incorporado" e os enviados dos Orixás falarem comigo, sem necessariamente serem meus guias.

Marco: já que estamos falando sobre você enquanto umbandista, você poderia nos falar sobre as Entidades que atuam com você, que usam você como aparelho? E se você tiver alguma particularidade de alguma dessas Entidades, ou aquela que você tem uma maior afinidade, você poderia nos descrever?

Norberto: Caboclo Pery - Oxoce-, meu Guia de frente, o chefe da minha coroa. Vovó Maria Conga, Pai Tomé e Pai Quirino na linha das almas, Caboclo Ventania - Oxoce-, Pomba Gira das Águas, Yansã Bamburucenda, Cigana Sandara, Exus Pinga Fogo, João Caveira, Bará e Come Fogo, Sr. Zé Pylintra e os enviados de Pai Omulu. O espírito Ramatís atua como Caboclo Ogum 7 Espadas. Durante o desenvolvimento, tem aquele período do médium, que não se consegue identificar quem são os mentores, os guias, os protetores espirituais, porque a gente ainda não está sintonizado o suficiente. Os nossos chakras ainda não estão vibrando numa frequência que permita essa sintonia, voce está se descobrindo. Então é aquele período em que você está mais naquele processo, tentando te manter... Evitar uma obsessão, quando a mediunidade é bastante ostensiva, ou, no meu caso, eu trabalhei muito na desobsessão, em Centro Espírita, dando passagem (manifestação) para espíritos sofredores. Mas eu não sabia, não percebia, não identificava, nenhum espírito mentor especificamente. Num determinado momento da minha caminhada em que eu estava na Umbanda e no Kardec junto. Eu estava dividido, eu ainda não sabia bem qual caminho eu seguiria. O espírito Ramatís, foi a primeira Entidade a se a-

Entrevista

presentar nesta encarnação. E, num trabalho de desobsessão em que eu estava participando, se apresenta um Caboclo, um pele-vermelha, travestido, um tempo. Na época eu não sabia que era ele. Escutei ressoar de tambores, atabaques e houve um trabalho de socorro espiritual, no umbral. Após esse fato, passaram-se alguns meses. Perto de cinco meses ele chegou, do lado da minha cama, devia ser quatro horas da madrugada, mais ou menos, uma hora que eu acordei para ir ao banheiro, quando voltei, ele chegou do lado da minha cama e se identificou, dizendo que era aquele Caboclo e que ele a partir de então iria trabalhar comigo, começaríamos um trabalho juntos. E a partir daí começou. Veio o Caboclo Pery, que é meu guia de frente, o chefe da minha coroa, Caboclo de Oxosse. Logo após do Caboclo Pery, veio Vovó Maria Conga, Pretavelha que se apresentou num trabalho de apometria, aqui em Porto Alegre. A partir daí começaram a vir os demais trabalhadores, todos ligados a Umbanda. Exús, Caboclas... Agora, por último, na abertura da Choupana do Caboclo Pery, eu fiquei muito feliz... Porque é um desafio abrir uma casa, um Centro de Umbanda. A gente nunca se acha capaz, a verdade é essa. Se for esperar, vai desencarnar e não vai ter a coragem de dar esse passo. Então eu fiquei muito feliz onde nesse nosso primeiro encontro, se apresenta o Caboclo Ventania que está nos auxiliando nessa coragem, nessa força... É um Caboclo que dá muita segurança, muita força. Fico feliz porque eu acho que se os guias comparecem, é porque você está conseguindo ser canal da mediunidade.

Marco: Norberto, só para você saber, eu me solidarizo com você porque eu também... Você deve ter recebido o convite... Nós vamos estar comemorando sábado agora, os dois anos da Assema. Então eu sei bem como é isso. Você muitas vezes vai protelando essa decisão, até a hora que chega alguém, te pega orelha e diz assim: ou faz ou não faz. Foi mais ou menos assim como você disse, a gente foi protelando, até que nos deram um ultimato.

Marco: Norberto, uma coisa que nos chamou a atenção, foi que você teve uma caminhada, pelo menos por algum tempo, na Umbanda e no Kardec, paralelamente. Nós sabemos, por experiência, que não são todos, mas a grande maioria dos Kardecistas tem certo preconceito para com a Umbanda. Nesse tempo em que você andou nas duas trilhas, você sentiu isso, em algum momento? Você foi cobrado, pelos Kardecistas, por estar também praticando a Umbanda? Como é que foi esse caminhar lado a lado, destas duas vertentes?

Norberto: eu acho que principal contribuição que o Espiritismo meu deu, foi no aspecto moral da doutrina. Questão de reforma íntima, todos aqueles ensinamentos morais do Evangelho Segundo o Espiritismo, aquela prática interna do Centro. Eu fiquei em torno de sete anos, trabalhando em Centro Espírita. Fiz escola de médiuns num centro pertencente a Federação Espírita e eu tive muita dificuldade de adaptação, primeiro porque eu vinha da maçonaria, que é universalista. E como naquela época eu não dava o braço a torcer que eu tinha que ser Cavalo de espírito, a verdade é essa. Eu achava que não era o meu caminho, em função do que tinha acontecido com papai, na nossa adolescência, que foi para outro caminho. Mas tive muitas dificuldades, primeiro porque as Entidades começaram a parecer na mesa. Todos os Caboclos, Pretos-velhos, Exús, e começou a dar uma celeuma, um conflito com os dirigentes. Segundo, eu te compartilhei a experiência de quando Ramatís se apresentou como Caboclo, o ressoar de tambores. Eu inocentemente fui contar para o coordenador da escola de médiuns e ele me afastou dos trabalhos e me botou na desobsessão, porque esse Caboclo era um obsessivo. Então você imagine para um médium em desenvolvimento, que é o estágio em que todos nós passamos, de muita insegurança, seja na Umbanda, seja em qualquer outro lugar onde lide com a mediunidade, o despreparo de alguns dirigentes espíritas, no sentido de lidar com a espiritualidade multifacetada, que não se prende as formas que eles estão acostumados. Eu tive bastante dificuldade, eu fui para um outro Centro Espírita, onde o dirigente era, e é ainda, filho de Xangô. Ele tem iniciação na

Entrevista

Umbanda. Começou na Umbanda e hoje está no Espiritismo, ao contrário de mim que estive no Espiritismo e hoje estou na Umbanda. São dificuldades que hoje servem para mim hoje ter uma concepção aberta. Porque nós, umbandistas, também temos os nossos preconceitos. Tem casa que não aceita Exú. Tem que despachar o Exú, ou o médium não pode trabalhar com Exú ou não tem desenvolvimento com Exú. Então, o que acontece... Não tem desenvolvimento no Terreiro, o dirigente não autoriza, tem preconceito, ou não tem segurança, ou não tem firmeza, ou não tem conhecimento para trabalhar com Exú, aí o médium acaba se desdobrando a noite, saindo do corpo físico, aí não é verdadeiro Exú, é um falso Exú que toma conta. Eu atribuiria esses preconceitos aos homens, que não é exclusividade do meio Espírita, na Umbanda embora nós sejamos mais arejados, mais universalistas, mas nós também temos nossos preconceitos.

Marco: Noberto, voce teria alguma denominação para a Umbanda que voce pratica, que é e vai estar sendo praticada na Choupana no Caboclo Pery? Se existe a denominação, porque?

Norberto: a Umbanda que a gente pratica aqui é tão somente Umbanda, nada mais. Claro que nós temos peculiaridades, que é uma necessidade minha enquanto primeira coroa, o responsável maior pelo Terreiro, perante trabalhos espirituais. Por exemplo: não temos nenhum elemento de sincretismo, dentro da Choupana. Eu tenho necessidade de praticar a Umbanda, numa raiz africana, indígena ou afro-xamânica, liberando nosso rito de elementos mais sincréticos. Antes de usar o Ogum, São Jorge da Capadócia, que foi um Santo Católico, canonizado, eu prefiro ter como símbolo o Ogum negro. E assim sucessivamente, com todos os Orixás. Eu tenho uma preferência a usar Caboclos, Índios e símbolos ligados as nações africanas. Não tenho nenhum preconceito em relação a sincretismo, nós aceitamos, entendemos que isso está de acordo com cada Terreiro, com cada Grupo. Não magoamos ninguém, as pessoas quando vem para benzer uma imagem para magnetizar um santinho, nós magnetizamos. Não imponho nada a ninguém. Tenho por hábito dar palestra antes das sessões onde procuro trabalhar a reforma íntima, a mudança moral, a conscientização do papel do consulente na busca da sua cura, em que os princípios morais contidos no evangelho de Jesus são bastante falados e os ensinamentos da psicologia dos Orixás, como estas energias influenciam nossos psiquismos e relacionamentos, bastante divulgados. Atribuímos que a nossa Umbanda é tão somente Umbanda. Nada demais. Eu particularmente não gosto de rótulos: é Umbanda esotérica, é Umbanda branca, é Umbanda traçada, é Umbanda de mesa. Eu acho que a Umbanda é uma só, na sua essência.

Marco: vamos falar agora Noberto, de uma outra vertente que não deixa de ser espiritualista, que é a apometria. A gente sabe que voce tem um trabalho de Apometria, que voce é ligado a Apometria, então gostaríamos de saber o que é Apometria e como voce conheceu a Apometria?

Norberto: Basicamente uma técnica de desdobramento induzido. Através de contagens pausadas e pulsos magnéticos - estalar de dedos - provocamos desacoplamento do corpo astral e etérico dos médiuns e do consulente, o que é uma ferramenta auxiliar nos atendimentos marcados, onde o atendido se encontra sozinho na corrente. Isto facilita a sintonia mediúnica e os trabalhos das entidades. Na Choupana denominados este tipo de trabalho de corrente de cura e desobsessão do Sr. Pena Branca. Eu conheci a Apometria... Fui convidado para visitar um grupo de Apometria, num Centro Espiritualista Ramatisiano, que tinha aqui em Porto Alegre. Fui meio contrariado, porque já estava mais na Umbanda que no Kardecismo. Esse era um Centro mais Espírita, então eu fui pouco contrariado. Lá havia dois médiuns nesse grupo de Apometria que eram da Fraternidade Espiritualista Cavaleiros de São Jorge, em Centro tradicional aqui de Porto Alegre e que na dinâmica do grupo, eles cantavam pontos, trabalhavam com Pretos-velhos, Caboclos, Exús, um trabalho bem universalista. Aquilo me marcou profundamente, porque naquela visita, de forma inesperada houve a primeira manifestação da Vovó Maria Conga. Foi onde eu

Entrevista

tive a oportunidade, tive um vislumbre clarividente, a enxerguei no Astral, e ela me deu o nome. Foi minha primeira incorporação com ela, dizendo que o meu compromisso junto com ela era trabalhar com Apometria, dentro da Umbanda. Imagina! Nunca tinha visto Apometria, imagina um negócio deste. Mas com o tempo foi-se mostrando que esse era o meu caminho. Tive oportunidade de trabalhar na Casa do Jardim, no grupo de Xangô, um grupo que é dirigido pela Dra. Augusta, aqui de Porto Alegre. Aprendi muito lá, fiquei três anos trabalhando com eles. Tinha um médium, seu Alarico, um negro de 1,95m e 92 anos. Seu Alarico incorporava todas as Entidades na Umbanda e trabalhava com um Exú que era o Seu João Caveira. Este Exú me ensinou muito, nos três anos que eu fiquei do lado do seu Alarico. Foi muito gratificante essa minha chegada e esse estágio com o pessoal da Apometria, principalmente na Casa do Jardim.

Marco: voce falou que Ramatís se apresentou para voce como um Caboclo. Qual foi o seu primeiro contato com ele? Como foi que voce conheceu Ramatís?

Norberto: sendo fiel a minha consciência, que eu me lembro, o contato mais antigo que eu tive com Ramatís, foi numa encarnação que eu fui sobrinho dele, na Índia. Nós soltávamos pipa, pandorga, papagaio, numa praça belíssima, sempre que seus trabalhos no templo - já era um iniciado - permitiam. Eu tinha uns oito e ele 16 anos. Naquela época também tinha uma outra pessoa, um outro espírito, que também era do relacionamento dele, que hoje trabalha enfeixado como Cabocla Jurema no Astral. Naquela época também foi um oriental. Nesta encarnação o fato consciente que eu me lembro, da presença dele, foi esse trabalho que eu te falei, que eu escutei tambores, atabaques, no Astral. Trabalhando na Umbanda, numa posição vibrada, de Ogum Sete Espadas é um espírito, que embora muitas pessoas entendam que é um mestre ascensionado (eu não gosto desta nomenclatura), a experiência que eu tenho com ele, foi de muita intensidade no umbral, de socorro. Atividades socorristas, nas zonas umbralinas da Terra, no Astral inferior, que é o momento planetário que nós estamos passando. E a Umbanda eu vejo que atua com muita intensidade nesta faixa de trabalho porque a gente percebe que os Centros Espíritas tem menos manifestação de sofredores, mais estudo. A Umbanda esta estudando cada vez mais. Além do compromisso de ter que escrever alguns livros com Ramatís, não vão ser muitos. Na época que ele escreveu sobre a Doutrina Espírita a parte da Umbanda ficou para trás, ele não conseguiu terminar. O Alicerce da obra de Ramatís na Terra, são duas colunas: Espiritismo e Umbanda. Então de se Deus quiser eu espero deixar essas duas colunas iguais, levantadas, que é o compromisso que eu tenho.

Marco: falando em livros Norberto, quantos livros voce tem publicado? Quais são eles? Todos eles são inspirados ou psicografados por Ramatís?

Norberto: a gente está com cinco livros pela Editora do Conhecimento Marco: Chama Crística, Samadhi, Evolução no Planeta Azul, Jardim dos Orixás e Vozes de Aruanda. Há ainda o Apometria Hoje, que foram vários autores, na qual fui um deles, pela mesma editora. Está no prelo, acredito que saí até o final deste ano ou início do próximo ano, um livro todo sobre Umbanda. Todo ele falando sobre Umbanda, com Ramatís. Todos os livros tiveram a participação de Ramatís, de forma intuitiva, inspiração ou através da clarividência, mas Ramatís tem uma peculiaridade, sempre dá oportunidade, trabalha sempre com outros espíritos. A gente teve oportunidade de trazer Vovó Maria Conga, para falar alguma coisa. Pai Quirino, Preto-velho especialista em viagem astral, que trabalha na egrégora de Umbanda, incorpora muito pouco nos Terreiros, não é um espírito que tenha compromisso de incorporação, ele atua no Astral, como se fosse um desembaraçador, um aduaneiro, um despachante digamos assim, na zona do umbral. Tivemos oportunidade de trazer estórias do Exú Bará. Foi no Jardim dos Orixás, que conta a história dele. Hoje é um Exú que trabalha dentro da Umbanda. Se Deus quiser e os Orixás permitirem, quem

Entrevista

sabe a gente não venha a trazer novos amigos espirituais. Eu pretendo, tenho a vontade... Não agora, mais para frente, de escrever um livro, todo ele, sobre Exú. Quem sabe não tenha um Exú em contato, para contar alguma coisa para nós.

Marco: quais atividades espiritualistas voce desenvolve hoje, no momento, além da Umbanda?

Norberto: hoje eu trabalho integralmente dentro da Umbanda. Eu não estou em nenhum outro local. Eu vinha trabalhando nos últimos cinco anos... Passei por quatro casas de Umbanda, aqui em Porto Alegre, nos últimos dez anos. Nós últimos cinco anos eu estava trabalhando no Jandaia Mirim, que é uma casa tradicional. Eu trabalhava nas consultas de Preto-velho e Caboclo e nas segundas-feiras, os atendimentos marcados com Apometria, onde eu era dirigente do grupo. Agora como um dos fundadores da Choupana, o envolvimento aumentou muito. Todos os trabalhos espirituais: desenvolvimento, consulta, passes, palestras, atendimento marcado. O trabalho de segunda-feira é um trabalho, preponderantemente com Exú. Todas essas tarefas, ao menos neste início, estão centralizadas em mim. Espero com o tempo ir descentralizando, ir formando outras pessoas, outros dirigentes, como já tenho junto comigo, para compartilhar esse compromisso. Estou integralmente dentro da Umbanda. Sábado agora vamos ter nosso primeiro Amaci. No outro sábado dia 29 é nossa primeira sessão pública de caridade. A gente está a dois meses e meio trabalhando internamente. Tudo isso acaba sendo dirigido por mim. Tem sido uma boa surpresa Marco, porque, como eu falei no início, quando a gente acha que não vai ser capaz de levar o piano de segurar a tarefa, com certeza, se nós não tivermos confiança e fé no plano espiritual nós não somos capazes. Mas se consegue ter essa fé essa confiança no plano espiritual, voce permite vibratoriamente que outros agentes espirituais te ajudem, venham a se aproximar de voce, te ajudar a voce levar o fardo. Sábado passado, na Choupana, pela primeira vez teve um Preto-velho que baixou e jogou búzios. Eu nunca tinha jogado búzios na minha vida. Ele baixou, já tinha um esteira de búzios que eu tinha ganhado de presente, mas estava fechada no cantinho. Veio, chamou todos os médiuns, incorporou um por um, disse o Orixá, o primeiro o segundo, disse qual é a terceira regência, a quarta, deu orientação para o Amaci. Conversou com o pessoal, deixou todo mundo tranqüilo. Então eu só posso agradecer a oportunidade de compartilhar com os amigos espirituais e saber que quem realmente dirige um Terreiro, se não tiver essa cobertura, se não tiver essas ordens do Astral voce pode tentar o quanto quiser que não vai conseguir. Para isso precisa ter essa confiança, essa humildade, essa entrega, esse amor para com os amigos espirituais.

Marco: enquanto voce estava fazendo esse seu comentário, eu estava sentado aqui e lembrando de uma coisa muito interessante, que casa bem com isso que voce falou. A ajuda e como as pessoas sejam encarnadas e desencarnadas vão se aproximando da gente, no momento que a gente se dispõe a fazer um trabalho, a abri uma casa. Esses dias, o rapaz que está desenvolvendo o site da Assema, pediu para mim uma frase para abertura. Que tivesse umas quatro ou cinco linhas. Essa nem o Paulo sabe ainda. O Paulo também vai saber em primeira mão aqui. Eu sentei para fazer, daí eu tenho também alguns amigos que participam lá, daí eu falei: pensem em alguma coisa para a gente escrevere colocar na abertura do site. Passou uns dois ou três dias, eu estava trabalhando, saí para almoçar. Estava um dia muito bonito, um dia de sol quente. No local que eu trabalho foi feita uma praçinha, que a gente brinca e há de praça é nossa, onde o pessoal vai fumar. Só que geralmente na hora do almoço o pessoal se reúne para bater papo. Naquele dia eu cheguei lá e não tinha ninguém. Sentei num daqueles bancos, me deu vontade de escrever e eu pedi alguém numa das salas próximas para me emprestar uma caneta e um papel e eu escrevi assim... Eu conto isso e me arrepio. Talvez eu não lembre dela textualmente, mas era mais ou menos assim: um dia algumas pessoas sonharam com um lugar para desenvolver um trabalho espiritualista, onde a fé, o amor, a caridade e a humildade, fossem

Entrevista

os pilares. A espiritualidade conspirou para unir essas pessoas num mesmo local e assim nasceu a Assema. É como voce falou nesse comentário, as pessoas vão se aproximando, os amigos espirituais vão se aproximando o tempo, vão chegando. Um dia quando a gente vê a porta está aberta e aí é que começa a tarefa.

Norberto: voce estava falando e eu estava aqui, de olhos fechados, te escutando. Quando eu fecho os olhos eu sou um ouvinte melhor. Isso que voce estava dizendo é a essência da Umbanda. Como está faltando isso na Umbanda. Eu escrevi um artigo esses dias, até vai sair no próximo livro. Como é um artigo muito polêmico e eu não estou a fim de criar polêmica agora... O artigo conclui dizendo seguinte: está faltando mediunidade na Umbanda. No momento que a gente recorda o Zélio Fernandino de Moraes, que com 17 anos manifestou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, sem ter feito raspagem, sem camarinha, sem nenhum rito de iniciação, tão somente o canal mediúnico límpido, expressando através do aparelho, fundou uma religião. No outro dia fundou um Terreiro e já saiu trabalhando. E hoje a gente olha por aí e existe um excesso de iniciação na Umbanda. São muitas iniciações, muitos ritos, excesso de ritos. Existem alguns templos em que voce vai demorar 30, 40 anos para chegar a um mestre de iniciação de sexto, sétimo grau, se chegar. Me parece que a gente acaba mais se preocupando com o método do que com a mediunidade, em tentar resgatar um pouquinho desta limpidez que o Caboclo das Sete Encruzilhadas teve e que me parece, falta ainda numa parcela da Umbanda. Voce estava falando e eu estava me lembrando, puxa, quão simples e singela é a Umbanda. Por que onde voce abre o canal mediunidade, voce abre o amor, a confiança, expressa sinceridade. É isso que é a mola propulsora. Os ritos são necessários para nós, para disciplinar, para organizar, mas a ênfase excessiva que a gente vê em alguns lugares, formando uma casta de eleitos, eu questiono um pouco isso. Eu aceito, mas questiono porque eu acho que a Umbanda não é isso.

Marco: falando mais da tua questão como médium e dirigente. Voce sabe que a gente as vezes fica sabendo das coisas e por um acaso nós ficamos sabendo que voce vai fazer sua coroação em setembro. O que significa isso para voce?

Norberto: eu preciso deste rito de coroação. Eu estou muito distante do Caboclo das Sete Encruzilhadas e o Zélio de Moraes. Por mais que tenha uma caminhada na Umbanda, desde menino, nos últimos 20 anos, com muita intensidade. Eu acho que a gente não pode desprezar um rito, quando ele é bem aplicado, quando ele tem fundamento, quando ele é feito com amor, é feito com entrega e não se enfatiza excessivamente o ritual. Jesus pediu a João Batista para ser ungido, no rio Jordão, para ele ser canal do Cristo cósmico. Se Jesus não dispensou um ritual, para o Cristo cósmico, que numa associação é Oxalá, é vibração de Oxalá, vibrar na coroa de Jesus, quem somos nós para recusar um rito. Eu tenho necessidade de fazer esse ritual, sinto que vai me fortalecer mediúnicamente, vai fortalecer a minha coroa, vai me aproximar mais das Entidades que me assistem, especialmente o Caboclo Pery que o meu guia de frente. Acho que vai me dar mais confiança, mais segurança, neste momento da minha caminhada onde me vejo a frente, enquanto dirigente de um Terreiro.

Marco: uma curiosidade que eu e o Paulo tivemos: por que com a Mãe Iansã no Rio de Janeiro? Foi a pessoa com a qual fizemos a primeira entrevista, foi muito bacana e por uma conjuntura do Astral acabamos chegando a voce, que vai estar fazendo esse rito com ela. Conta para a gente a sua ligação com ela. Por que com ela esse rito?

Norberto: pois é Marco, nessas coisas a nossa vida presente, nosso tempo presente não explica. Mãe Iansã, eu tenho uma afinidade com ela muito grande, nas idéias, no pensamento dela e isso foi se estreitando a longo do tempo. Eu tive a oportunidade de conhecê-la a um tempo a-

Entrevista

trás, no Rio. E fiz questão de ir lá conhecê-la. Tive que remover montanhas porque aparecem todos os obstáculos. Todos os obstáculos que apareciam eu removia. Eu sou teimoso que nem mula e eu dizia: eu vou, pode chover canivete que eu vou. Foi muito bom porque u tive algumas confirmações, junto com ela. Eu não consigo explicar o motivo a luz da razão consciente nessa encarnação, mas com certeza eu e Mãe Iansã somos conhecidos já de longa data tal a minha emotividade quando estive com ela, que eu acabei em prantos, chorando, abracei ela, de encontrar um espírito que é um grande amigo seu, um grande amparador um espírito que me apoiou em outras oportunidades. Me senti muito a vontade em pedir esse rito a ela. Ela jogou os búzios, os búzios confirmaram esse meu pleito. Tivemos um primeiro rito na casa dela, de fortalecimento. Eu confio integralmente no trabalho de Mãe Iansã, pelo ideal que ela tem na Umbanda, pelo amor que ela tem pela Umbanda e pela Umbanda que ela pratica. Que é uma Umbanda ainda... Porque ela está naquela pontinha em Itapoã, lá em Niterói, perto da natureza, perto do mar. Ela consegue tem uma vida dedicada a Umbanda. Vinte quatro horas do seu dia, da sua noite, ela vive para a Umbanda. É um pessoa com grande ideal, grande amor e grande compromisso com a caridade. Eu não tenho o menor receio, ao contrário, eu me sinto motivado em me entregar a Mãe Iansã para que ela conduza esse rito e dentro do simbolismo dessa consagração, eu renasça com toda a minha potencialidade mediunica nesta encarnação, para estar vibrando numa faixa única, que esteja muito próxima daqueles que me assistem, particularmente do Caboclo Pery. Nós temos um compromisso de levar a Choupana adiante. Esse grupo de médiuns e de consulentes vão estar dependendo da gente.

Marco: voltando a falar da sua casa Noberto, voces realizam trabalhos reservados ao desenvolvimento dos médiuns, ou no caso, irão realizar já que voces vão abrir a casa para atendimento público a partir do dia 29? Voces pretendem realizar trabalhos fechados de desenvolvimento?

Norberto: Sim Marco nos realizamos. Na verdade a Choupana foi aberta no dia 13 de maio deste ano. Nós não tínhamos a casa física ainda, mas foi feito um rito pelos fundadores aonde foi plasmado no Astral a Choupana. As Entidades deram a orientação então a data de fundação dela foi dia 13 de maio. Rapidamente nós alugamos uma casinha de madeira, tudo muito simples e onde o aluguel é barato. Essa casa abriga os onze médiuns que estão junto comigo nesse momento. Desde maio nós estamos tendo um encontro por semana de desenvolvimento mediúnico. E as segundas-feiras, atendimento marcado, nessa parte, com indicação, para o trabalho de Apometria. Se chama corrente de desobsessão e cura do Sr. Pena Branca. Eu entendo que o desenvolvimento mediúnico é necessário e para sempre. Eu não entendo que um médium esteja liberado do desenvolvimento mediúnico. Na minha concepção não existe médium pronto. Eu acho que a gente tem que estar sempre se aprontando e ter humildade de reconhecer isso. Nos precisamos de desenvolvimento, independente do tempo de caminhada, por que isso nos fortalece. Nesse sentido, na Choupana nós vamos fazer, sessões, ao menos nesse início, nesse ano todo, enquanto a corrente não estiver 100% firmada, nós vamos fazer ritos de caridade, sessões de caridade quinzenais, sábado sim, sábado não. Intercalando o sábado que não tem sessão de caridade com o desenvolvimento mediúnico. No dia do desenvolvimento mediúnico, o médium se sente mais a vontade para perguntar para a Entidades, para os médiuns mais antigos, para as Entidades manifestadas nos médiuns mais antigos, tirar dúvidas. Eu encaro com muita tranquilidade a consciência mediúnica. Partindo do pressuposto que eu não tenho nenhum médium inconsciente na minha corrente, nós temos que, no desenvolvimento, aprender a incorporar as Entidades, a perceber as vibrações, a acalmar a mente, deixar a Entidade vir, tomar conta do seu mental, do seu psiquismo, interiorizar essa nova personalidade que se forma. Nós temos que ter também aquele momento de estudo, o momento em que voce traz material, é muito importante voce intercalar estudo e prática, acho que uma coisa não exclui a outra. Nós temos sempre, meia hora antes do rito de desenvolvimento, para estudo. Nós ficamos sentados, antes de entrar no

Entrevista

Congá, no Terreiro, tem uma sala onde são as palestras, nós sentamos ali em círculo e sempre temos um tema, ligado aos Orixás, ligado a mediunidade, ligado a Umbanda. Eventualmente um ponto novo, alguma coisa nova que surge, nesse momento é o momento de estudo. Com isso voce vai trabalhando o grau de confiança de cumplicidade dos médiuns. No meu entendimento, mediunidade na Umbanda não é só incorporação. Se nós formos esperar hoje voce aprender tudo só incorporado e por outro lado voce dispensar o estudo é como voce ser um facão que não está amolado. O Caboclo vai ter dificuldade de entrar no canavial porque o corte não vai estar bom. Voce precisa enquanto instrumento, se preparar. Quanto melhor a gente se preparar, mais nós vamos ter condição de perceber, de sintonizar, de transmitir, trazer para a Terra através da incorporação o que as Entidades querem mostrar, o que elas querem dizer.

Paulo: Noberto, durante a minha caminhada, durante o meu aprendizado, eu tive a oportunidade de participar de um COEM (curso de orientação e educação mediúnica), ou seja, a base deste curso... Eu fiz o curso num grupo umbandista, mas o material de estudo era o material do COEM. Nós estudávamos, usávamos livros Kardecistas nesse estudo e após seguido o roteiro do COEM, aí a gente fazia um paralelo, falava das particularidade, ou no meu caso, ouvia sobre as particularidades relativas a Umbanda. E achei isso muito interessante e não vi problema nenhum em a gente usar esse material não especificamente umbandista para formação. Qual é a sua opinião sobre a Umbanda beber em outras fontes, como esse caso?

Noberto: Paulo, a Umbanda é universal. Dentro dessa universalidade ela tem um espírito convergência muito intenso. Não só as obras de Kardec, eu acho que elas vem complementar a Umbanda porque a Umbanda também é Espírita. Embora o Espíritas, homens digam que a Umbanda não é Espírita, a Umbanda também é Espírita. Porque o espiritismo não é religião. Espiritismo é uma doutrina, uma filosofia, um embasamento moral, antes de tudo, que serve para qualquer religião da Terra. Eu vejo com muita simpatia o estudo do espiritismo, das obras espíritas. Para aqueles grupos que tem afinidade, a teosofia, os autores consagrados do oriente, todas as vertentes filosóficas, religiosas da Terra, elas expressam de alguma forma a Umbanda. Cada agrupamento deve buscar o se espírito, a sua psicologia, onde una esse grupo. Temos inclusive ritos dentro da Umbanda, que não trabalham com incorporação é só irradiação mental, cromoterapia. Nós temos ritos dentro da Umbanda mais ligados a teosofia, mais ligados ao orientalismo. Temos ritos na Umbanda mais parecidos com o espiritismo. Eu acho que a Umbanda nesse diversidade, se fortalece, cresce. Porque a todos ela abriga, como uma mãe dadivosa, não exclui ninguém no momento que ela é parcimoniosa, com seus filhos na Terra. Agora, há sempre que se observar, que nesta liberdade que a Umbanda nos propicia, infelizmente ainda, nós temos algumas lideranças que não tem alcance para trabalhar dessa forma e acabam muitas vezes distorcendo ou incluindo ritos ou conteúdos que acabam não sendo de Umbanda, na sua integralidade, mas não nos cabe julgar, apontar ninguém. Cada um sabe o que faz e o momento certo de prestar contas dos seus atos, não está na Terra quem vai estabelecer.

Marco: Noberto, falando dessa diversidade na Umbanda, nesse universalismo que a Umbanda apresenta, um dia desses nós estávamos discutindo com algumas pessoas, a coisa ficou meio acalorada e eu acabei escrevendo um artigo sobre isso. Vendo voce falar eu vi que voce trabalha com algumas entidades femininas. A nossa discussão foi justamente sobre isso. Sobre o preconceito que existe entre os umbandistas em homem trabalhar com Entidade feminina ou as vezes até mulheres evitam e não querem, pela questão de que vai trabalhar com Pomba-gira e Pomba-gira era prostituta. Essas besteiras afins. Eu gostaria de saber de voce, a sua posição nesse sentido? Qual é o teu pensamento dentro desse assunto?

Norberto: Marco, tem umbandista que não aceita Mãe de Santo mulher. Eu vou lá entregar a

Entrevista

minha coroa para Mãe Iansã. Eu admiro muito o feminino dentro da expressão da espiritualidade, dentro da expressão da mediunidade. Nunca bloqueie a minha mediunidade para manifestação de Entidades femininas. Eu digo isso aos médiuns. Aquele médium que só quer trabalhar o Caboclo, o Preto-velho, mas está ali com a vibração e Mamãe Oxum engasgada na garganta e ele não exterioriza isso aí porque tem vergonha ou porque disseram para ele que homem não incorpora Entidade feminina. Essa falta de Mamãe Oxum acaba interferindo inclusive nos seus relacionamentos, aonde ele não consegue, de repente, lidar com o feminino, no momento que ele bloqueia essa energia. E assim todas as vibrações, eu acho que estas coerentes com a nossa natureza mediúnica. Claro que eu não posso obrigar o médium... Por exemplo: eu conheci um médium que só trabalhava com um Preto-velho. Muito bem, com um Preto-velho e um dia o dirigente botou na cabeça que ele devia trabalhar de outra forma e isso começou a descaracterizar a mediunidade daquele médium. Então eu acho que dentro da sensibilidade de cada um deve-se deixar tomo mundo a vontade. O que não pode é o preconceito não permitir. Eu tive um experiência recente com uma Pomba-gira que se manifesta numa das médiuns nossas. É uma Pomba-gira que está a pouco tempo se manifestando e ela queria beber e a médium não deixava. Aí a médium começou a passar mal durante a semana. Nós fomos para um atendimento para essa médium e a Entidade que estava me assistindo, Seu Zé Pelintra, canto o ponto da Pomba-gira, ela veio e ele disse que por orientação do Caboclo Pery, que era o guia chefe daquela casa, ali ela não poderia beber. Se ela bebia em outros lugares no Astral isso era o livre-arbítrio dela, mas que ela tinha que respeitar o livre arbítrio o aparelho. Não querem impor ao aparelho, uma coisa que não era da vontade do aparelho. E se ela aceitasse isso ela era muito bem vinda na casa. Ela poderia fazer o seu requebro, poderia balançar o seu ombro, sem problema nenhum, logicamente, sem nenhum exagero. Resumindo a história, após essa conversa, mostrando para a Entidade, o compromisso que ela tinha com o médium, de caridade, da ligação entre ambas, que ia ser ruim para as duas, que ela estava prejudicando o aparelho e também ia ser ruim para ela, a Entidade aceitou. Já faz algumas semanas que a Entidade se manifesta dentro do ritual e eu atribuo isso a fato de que existem espíritos que atuam dentro da Umbanda que eles estão mais aprendendo com os médiuns do que os médiuns aprendendo com eles, em determinado momento da caminhada de ambos. Existe Pomba-gira que está se “exunizando”, ela está se esclarecendo, para vir dentro de um rito, de determinado centro, de determinada casa. Assim como existem espíritos que estão se “exunizando”. Ainda não é um Exú, dentro daquele conhecimento, daquela prática de trabalhar dentro da Lei, dentro da Lei de causa e efeito, dentro do merecimento respeitando o livre-arbítrio de cada um. Nós temos que ter esse discernimento, mas de forma fraterna, sem excluir, sem apontar defeitos e sem julgar ninguém. A Umbanda a todos dá oportunidade. Quando há os desvios, muitas vezes é porque o médium não teve condição ou ele se envaideceu, por algum motivo se engrandeceu e acaba deixando tomar conta e ir para um outro caminho, como a gente vê tantos por aí. Mas não dá para atribuir isso a Entidade, botar a culpa no espírito. Eu sempre digo: não vamos usar os espíritos como bengala, nós somos responsáveis pela nossa mediunidade. Quem determina, quem tem que ter o controle é o médium, chamar a responsabilidade. Esse negócio de dizer que a Pomba-gira bebeu, fez isso, mandou fazer aquilo... Fez porque o médium deixou. Fez porque se envaideceu ou faltou humildade ou achou que aquilo ali ia mostrar que era um médium mais ostensivo, mais poderoso ou mais forte que os outros, mais fenomênico, os motivos são os mais variados.

Marco: na sua opinião, qual deve ser a formação e a conduta de um médium de Umbanda, já que o nosso assunto é Umbanda?

Norberto: A melhor formação para um médium é moral. Como semelhante atrai semelhante, é só observar a conduta moral de um médium que teremos suas companhias espirituais. Eu atribuo ao próprio médium e digo e ele, que ele é o maior responsável pela manutenção do seu es-

Entrevista

tado vibratório, para ser canal dos amigos espirituais. Claro, que não somos santos, não somos perfeitos. Nós temos que ter os nossos momentos de descontração, os nossos momentos de lazer os nossos momentos prazerosos. Um dia eu estava com a cabeça nas nuvens, mais no ar do que na Terra. Isso te dá um descompasso, porque voce percebe que voce não consegue ficar só mundo espiritual e te colocar como um santo. Eu estava meio chateado, em casa, e de repente eu sinto a vibração do seu Zé Pelintra e ele diz assim (daquele jeito dele): "meu irmão, pegue sua esposa, saia com ela e vá jantar. Quando voce voltar dia a ela para botar uma lingerie vermelha, bote uma música e dance com ela". Eu fiquei supreso e disse, mas Seu Zé, que é isso? Ele disse: "não me olhe assim não. Quem precisa é voce eu não preciso mais disso, não transfira para mim o que voce não consegue superar, porque voce está se colocando como santo e voce não vai suportar isso aí". Também tem o outro lado, de o médium achar que ele é um eleito e partir ele não conseguir mais ter uma vida de relação normal dentro do cotidiano, porque ele começa a pensar que ele é melhor que o cidadão comum. Aí entra a vaidade. Mas nós podemos ser diferentes. O Evangelho de Jesus, no aspecto moral, não tem que bata enquanto instrução para nossa conduta no dia a dia.

Marco: engraçado Norberto a Vó, que foi a minha Mãe de Santo, onde fiquei 17 anos no Terreiro dela, ela usava sempre uma frase, que eu não sei se era dela ou se ela ouviu usava para a gente, que dizia assim: se voce quiser acabar com um médium é só começar a elogiar muito ele. Eu acho que vai bem de encontro a isso que voce está falando.

Marco: comente para a gente Norberto como que voce entende os graus de consciência dos médiuns de Umbanda.

Norberto: eu já tinha comentado anteriormente, por cima. O que nós percebemos é que é cada vez mais raro, a inconsciência mediúnica. Se voce voltar no tempo, desde a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas e o próprio movimento Espírita, em seu início se manifestavam muitos espíritos através de mediunidade inconsciente e com alto grau de fenomenologia de efeitos físicos, porque precisava daquilo para o nosso despertar, para chamar a atenção para a mediunidade. Com o tempo, nível de consciência coletiva foi aumentando, o conhecimento sobre as questões espirituais foi se ampliando e hoje eu noto que o mundo espiritual não precisa mais que encarnem médiuns com grau de inconsciência elevado. Ainda temos algumas expressões mais antigas, do pessoal que está há bastante tempo na Umbanda, que no seu início foi médium inconsciente, porque a inconsciência ela muda com o tempo. No momento em que o médium vai adquirindo uma maior bagagem às suas experiências, elas vão tendo uma história bem concreta, bem fundamentada, ele também vai mudando porque o espírito muda. O Caboclo vai mudando, a sua mediunidade vai mudando, e a tendência é ele ir passando de médium totalmente inconsciente para semi-consciente, é natural, não que uma seja melhor que a outra. Mas eu acredito que hoje ainda existe dentro da Umbanda esse tabu, esse dogma, de não se falar em inconsciência. Eu arrisco dizer que isso é na maioria dos Terreiros. Eu noto isso com uma certa preocupação, porque no momento em que nós não encaramos isso de frente, já partindo da constatação que a inconsciência não existe mais, é muito rara, aonde a gente hostes de jovens umbandistas chegando a Umbanda, basta ver o Terreiros todos lotados, eu vejo isso com uma certa preocupação, porque no desenvolvimento mediúnico e também na nossa caminhada, na caridade dentro da Umbanda, o médium tem que ter a humildade de saber que ele é consciente e de saber que os outros sabem que ele é consciente. O dirigente espiritual tem que ter a humildade de, na frente da sua corrente, de dizer, de assumir que tem consciência e conseguir trabalhar com isso e manifestar as Entidades dessa maneira, porque essa humildade é que vai nos levar a não termos essas onipotências que nós vemos por aí. Muita gente fazendo loucura e botando a culpa no guia. Porque o guia mandou fazer isso e aquilo. Isso não é guia é o médium que se es-

Entrevista

conde atrás de uma falsa inconsciência para exercitar o poder, para exercitar a sua vaidade, para exercitar o mando de forma ditatorial, aonde ninguém pode estudar, ninguém pode questionar nada, ninguém pode perguntar. Creio eu que os próprios jovens, a própria internet, o nível de informação que nós temos hoje, toda a literatura mediúnica que está vindo a Umbanda de dez anos para cá, nos leva, sem sombra de dúvida, a termos a coragem assumirmos a nossa consciência mediúnica na Umbanda, porque aí a Umbanda vai interferir nesse momento cósmico de consciência coletiva, onde o mundo espiritual não precisa estar encarnando mais médiuns inconscientes. De 30 , 40 anos prá cá, raríssimos são os médiuns com inconsciência total no meio da Umbanda e do Espiritismo também.

Marco: vamos entrar agora numa parte da entrevista em que a gente vai falar mais da constituição física de um Terreiro. Voce acha necessário um regimento interno num Centro, num Terreiro? Por que voce acha?

Norberto: eu acho indispensável, regimento interno estabelecendo todo método de trabalho, trazendo as normas básicas para o relacionamento dentro daquele Terreiro, os critérios de acesso, os critérios pelos quais os médiuns são chamados a atenção, os critérios que nós temos que ter, desde o momento em que nós temos normas, nós também temos que estabelecer uma forma de punição, porque senão vira uma anarquia. Punição essa com critério, com justiça. Critérios também de suspensão e até de afastamento de médiuns. Um regimento interno libera, alivia o dirigente fundador, de pessoalizar as decisões. Porque nós vemos muito isso dentro da Umbanda, uma Umbanda familiar, de amigos. Se voce é amigo do dirigente ou familiar, ele tem um critério, se não é amigo ou familiar, ele tem outro critério. E assim, ele vai administrando o Terreiro. A maioria dos Terreiros me parece que ainda não são legalizados, não tem um estatuto, ata de fundação, não tem cnpj. Eu entendo que não só regimento interno, eu iria mais além, a legalização do Terreiro, é fundamental. Estabelecendo essas relações com o corpo mediúnico se torna igualitário, equânime, tirando do dirigente, aquela coisa de decidir a luz do seu humor ou conforme a sua conveniência. Esse é um dos fatores de maior conflito dentro dos Terreiros, é voce não ter igualdade nesse processo de decisão, junto ao corpo mediúnico. Eu já vi muita casa, onde saiu a metade do corpo mediúnico, quase fechar, em função de uma posição de intransigência do dirigente ou algum favorecimento. Eu acho isso desnecessário, se tivesse um regimento interno isso não aconteceria.

Marco: quanto a cobrança pelo atendimento a assistência? Existe cobrança na sua casa? Voce é a favor ou contra? Por que?

Norberto: nós não cobramos nada de ninguém. Eu entendo que a mediunidade são dons que nos foram dados de forma gratuita, voce não compra a mediunidade. Voce pode tentar comprar um rito de iniciação, comprar uma feitura, mas voce não compra a mediunidade. A mediunidade, primeiro, tem que ser da natureza do espírito encarnado. Se ele não tem a sensibilidade, ele não vai adquirir. Partindo do pressuposto que a gente já vem com esses dons, que eles já estão latentes em nós, eles afloram, é inconcebível trabalho cobrar dentro da Umbanda, não tem nada a ver com a essência da Umbanda que é a caridade. Por outro lado nós temos que ter criatividade, temos que ter iniciativas para viabilizar a sustentação financeira do Terreiro, porque nós estamos na matéria. Nós temos conta de luz, nós temos água, nós temos a manutenção da casa, nós temos velas, pombas, essências cheirosas, ervas que são usadas e por aí vai. Todo material que se usa dentro da Umbanda. Temos que pagar o iptu. Nós temos que criar alternativas de angariar recursos para fazer frente aos encargos, ao exercício caritativo da mediunidade. Nós na Choupana, vamos incentivar os associados. Vamos ter florais a disposição. Vamos ter uma pequena livraria, consignada com uma distribuidora. Vamos vender sabonetinho, vamos ter um pe-

Entrevista

queno bazar. Se tivéssemos um espaço maior teríamos uma pequena cantina para vender lanches. Onde voce consegue criar alternativas de sustentar o Terreiro, equilibrar financeiramente e não ter que cobrar. A cobrança começa por aí. Ah, temos que sustentar o Terreiro e se começa a cobrar um valor simbólico. Só que esse valor simbólico descaracteriza toda relação de causa e efeito, no momento em que, por mais que o consulente seja esclarecido, se ele contribuiu monetariamente, ele se acha no direito de exigir resultados no trabalho, no atendimento. E com isso nós saindo do campo do merecimento de cada um e começamos a praticar outra coisa que não é magia de Umbanda. Eu tenho muito receio disso. Nós não cobramos de forma alguma. Espero, se os Orixás nos ajudarem, manter essa linha, essa Choupana por muitos anos sem precisar cobrar. Por isso nós fomos para um local simples, uma casinha de madeira, aluguel baratinho, sem ostentação, onde já largamos com o corpo mediúnico mantendo todas as despesas e não ficou pesado para ninguém.

Marco: a questão dos sacrifícios, existe na sua casa?

Norberto: o ideal é que nós tivéssemos uma situação de prática umbandista em que nós ficássemos envergonhados de fazer uma pergunta dessa. Não estou dizendo que a pergunta é mal formulada não é isso, mas é que existe, então a gente tem que perguntar. Mas o ideal, é que a gente chegue num momento mais para a frente, onde, se Deus quiser e os Orixás assim permitirem, nem se concebe fazer uma pergunta dessa. Isso infelizmente, nós sabemos que existe e que é triste os que fazer de forma velada, não assumem o que fazem, Os que assumem, ainda tem a coragem de assumir, estão dentro dos seus ritos. O Pai Maior, sabe o caminho de cada um e a gente não julga ninguém. Nós não aceitamos e não praticamos sacrifício de animais. Eu tenho um compromisso mediúnico, com as Entidades que me assistem, de praticar uma Umbanda, com uma raiz afro-ameríndia ou afro-xamânica indígena, fazendo todos os ritos necessários dentro da Umbanda, sem sacrifício animal. É plenamente possível fortalecer um tônus fluídico de um médium, é plenamente possível voce fazer um trabalho de assentamento de um Orixá, um trabalho de consagração de um Terreiro, um trabalho de consagração de um dirigente, sem a necessidade de partir para esse recurso, do sacrifício animal. Eu tenho certeza que os Orixás não precisam disso. No âmago, no mais central da minha alma, da minha pouca visão, sou um ser imperfeito, mas eu tenho a certeza de que os Orixás não precisam disso. Nanã, nós temos muito amor por ela. A nossa casa é assentada em Olorum, Nanã, tronqueira, a base de sustentação é africana. Não há necessidade, seja qualquer Orixá, qualquer vibração, qualquer força da natureza, mais ligada ao africanismo, na minha opinião, na Umbanda que eu pratico, então peço que respeitem, não estou julgando ninguém. Uma coisa que sempre me incomodou é o fato de africanismo significar sacrifício animal. Eu digo: não, africanismo não significa sacrifício animal. Existem todos os ensinamentos maravilhosos que vieram da África e que estão dentro da Umbanda, nós não podemos tapar os olhos. Uma vez escutei que o africanismo não tem influência dentro da Umbanda. Tem, todas as nações tem e tem muito. Foi por causa dos africanos que a Umbanda é o que é hoje porque o culto aos Orixás se manteve vivo, por iniciativa dos africanos. Foram eles que tiveram a iniciativa de associar os Orixás aos Santos Católicos. Não foi o caboclo, não foi índio, não foi a raça vermelha, foram os negros. Aí se manteve essa tradição, esse ensinamento, que chega até os dias de hoje. É claro, que o sincretismo foi uma forma de manutenção, de inclusão social da Umbanda na época, senão não seria feito. Mas hoje, em 2006, nós já temos casas Africanas, de Umbanda, com base Africana que não fazem sacrifício. Eu iria mais além. Existem casas de nação, que não fazem sacrifício. Agora, cada um é cada um, nós não podemos julgar. Na Umbanda em que Orixá não incorpora, que as forças da natureza não incorporam, que as energias cósmicas que vem divino, não se rebaixam até a Terra, não incorporam, é meramente impossível, onde são espíritos que trabalham, são falangeiros que trabalham enfeixados nas vibrações dos Orixás, não é concebível voce, mesmo num rito divino, de

Entrevista

veneração ao Orixá, não é aceitável voce ceifar uma vida de uma animal, porque como a Umbanda é convergente, servem para Umbanda, os ensinamentos da teosofia, ou do Oriente, que dizem que os animais são uma cadeia de evolução. Sendo uma cadeia de evolução, como o hominal, também é, que perante Deus, perante Olorum, elas são iguais. Todos nós, não existe preferência na evolução, na ascensão espiritual. Todos nós que estamos encarnados no corpo de homem, já passamos pela cadeia de evolução animal. Quem disser que tem um falangeiro de um Orixá, que nunca encarnou num animal... Pode nunca ter encarnado na Terra, mas em algum outro planeta, encarnou. Porque faz parte do plano material, do plano concreto, esse ciclo. Partindo desse pressuposto, é inconcebível voce ceifar uma vida para oferecer ao divino sabendo que, aqueles que estão recebendo, também um dia fizeram parte daquele ciclo e que nós estamos interferindo sim, naquele ciclo evolutivo, naquelas espécies. Não estou aqui preconizando isso como um ser perfeito, não sou. Eu ainda sou carnívoro. Não consegui deixar de ser. Não sei se vou conseguir deixar de ser nessa encarnação, então eu dou a minha mão a palmatória, porque indiretamente a gente contribuiu para o sacrifício animal porque ainda nos alimentamos dos animais. Tenho a humildade de reconhecer isso, e dizer da minha imperfeição.

Marco: e a bebida e e o fumo, qual é a sua visão destes elementos dentro da Umbanda?

Norberto: eu não consigo beber enquanto trabalho, isso iria interferir na minha mediunidade, não conseguiria incorporar. Nem os Exús que me assistem, eles não bebem. Eu não proíbo na Choupana a utilização do álcool. Trabalho com álcool e cachaça nos casos que é preciso a volatilização destes elementos para assepsia, para desintegração de miasmas, de pensamentos-forma, negativida. Na Choupana nenhum médium ou entidade bebe. Da mesma forma o fumo, eu entendo que as Entidades não fumam, elas dão baforadas, é diferente. Eu trabalho incorporado com Caboclo ou Exú sempre com um charuto para as baforadas de assepsia vibratória nos consulentes, igualmente com o palheiro de preto velho. Interessante que eu sou um dos poucos que assim procede, os demais médiuns não o fazem, por iniciativa deles, pois é permitido. Essa questão da bebida, o que a gente vê é que infelizmente ainda é muito disseminada dentro da Umbanda. Isso é uma imagem negativa da Umbanda perante a sociedade. Isso não contribui em nada, o trabalho poderia ser feito de outra forma, sem usar esses elementos, esses condensadores, e sem a ingestão.

Marco: gostaria da sua opinião da presença de crianças dentro do Terreiro e mais propriamente, dentro da corrente mediúnica?

Norberto: esses dias eu comentei na Choupana, que estava faltando uma criança. Nós temos uma pré-adolescente, de 12 anos que vai, que eu convidei. Eu não tenho nada contra. Eu me lembro que eu era menino e eu já ia na gira de Exú, com 5 ou 6 anos. Acendi muito charuto de Exú e nunca me fez mal, sempre me senti bem. Não vejo dificuldade nenhuma em ter uma criança numa gira, nesse tipo de trabalho, acendendo uma vela, eventualmente pegando uma pomba. A vibração dos Orixás, a vibração dos Exús é impossível fazer mal para uma criança. O que a gente tem que ter um certo critério, é quando a criança se apresenta em desequilíbrio mediúnico. Eu entendo que um Caboclo, um Preto-velho da Umbanda, não tem necessidade de incorporar numa criança de 4, 5 ou 6 anos. Primeiro porque os chakras não estão completamente formados, a estrutura do corpo astral, do corpo etérico, ainda está se formando. A criança até os sete anos, tem uma sensibilidade mediúnica natural, muito aberta. Não quer dizer que ela vá ter mediunidade tarefa, porque pode chegar por volta dos sete anos e se fechar. Tem que se comprovar que essa sensibilidade vai permanecer após esse ciclo de sete anos. De 1 a 7, de 7 a 14 e 14 a 21. Com 21 anos, se completa a formação dos chakras e o perfeito acoplamento do corpo astral, duplo etérico e do corpo físico. Eu entendo que as Entidades na Umbanda são esclareci-

Entrevista

das e elas, via de regra, não quer dizer que não possa haver exceções, não tem necessidade de se apropriar de um aparelho em tenra idade. Até porque a criança ainda não está amadurecida, no seu psiquismo, na formação da sua personalidade, do seu caráter. Agora, as vibrações dos Orixás, dos Exús, os cânticos do ritual da Umbanda, numa casa bem firmada, com uma boa descarga, não tem como prejudicar uma criança, pelo contrário. Eu comentei a questão do desequilíbrio mediúnico-infantil. Meu filho tinha cinco anos e eu cheguei do Terreiro, abri a porta, devia ser meia-noite, uma hora, o meu filho estava na sala, de mãozinha para trás, curvado, dançando em volta, rodopiando. Eu fiquei chocado, chateado de ver meu filho, na época com cinco anos, hoje está com dez, tomado mediunicamente por uma entidade que não era uma Entidade da Umbanda, uma Entidade esclarecida. Eu conversei com essa entidade, esclareci para ela que ela estava no corpo de uma criança, pedi delicadamente que ela se retirasse. Que assim como eu respeitava ela que ela me respeitasse no meu lar. Levei ele para cama, depois ele teve um atendimento espiritual na Umbanda. Esse foi um desequilíbrio mediúnico. Nós tivemos uma outra experiência com ele, há uns seis meses atrás, quando ele começou a ser ver fora do corpo, durante o sono físico. Se via ele do lado da cama, se enxergava ele em desdobramento astral. Muito cansado no outro dia, muito desligado, muito aéreo, depois de um atendimento a gente verificou que uma entidade do astral, se alimentando fluidicamente da energia dele. No caso de um médium criança, que chega a ter um desequilíbrio mediúnico, em que as entidades menos esclarecidas se aproveitam disso para te atingir enquanto pai ou dirigente ou trabalhador na Umbanda, acho que a gente tem que ter muito critério, muita tranquilidade. Com dez anos ele não tem maturidade, para entrar numa corrente, para incorporar. Agora, não tenho nada contra meus filhos irem no Terreiro, lá na Choupana, eu acredito que até anima os trabalhos, dão sustentação, a vibração da pureza da criança, de inocência, acaba contribuindo com os trabalhos, com a egrégora do Terreiro como um todo.

Paulo: a gente aprende, a gente fala sobre livre-arbítrio, carma. A minha visão sobre a questão da mediunidade é a seguinte: a gente veio cumprir essa missão e assumiu um compromisso antes de encarnar. Ao assumir esse compromisso a gente tem o livre-arbítrio, estando aqui, fazer o desenvolvimento, da maneira que for necessária, segundo a intuição que a gente receber, e aceitar isso ou não. Ou seja, exercer o livre-arbítrio. Se a gente optar por não cumprir o compromisso assumido, não é que vai haver uma cobrança, pelo menos, não neste momento. Mas uma vez que a gente não se prepara, para trabalhar, para usar esse veículo, com o qual a gente assumiu compromisso, o aparelho em si, vai estar disponível para as interferências. Nessa medida é que há parte da cobrança. Eventualmente quando o compromisso não for cumprido a cobrança virá futuramente. Eu gostaria de ouvir a sua opinião nesse sentido.

Norberto: eu concordo com contigo Paulo, no que voce colocou, Entidade da Umbanda, não dá surra de santo, não bate com vara em costa de médium, não joga médium no chão, não quer ver seu aparelho sofrendo. Claro que existem situações em que eles se vêem sem poder se aproximar de nós, e aí as vezes a gente sem ter esse axé, essa força deles, essa intuição a gente acaba botando os pés pelas mãos. Nós fundamos a Choupana, no momento da fundação, na segunda sessão se apresenta o Caboclo Ventania. É um Caboclo de uma força muito intensa e desagrada aquele medo, aquela negatividade, quando a corrente oscila ele vem. É uma ventania. Voce imagina o vento batendo no telhado, arrancando telha, quebrando galho, derrubando ribanceira, mas ele leva a tempestade. O ar depois fica gostoso, fica leve, fica todo mundo firme. Voce imagine, se o Norberto se recusa, pelo seu Livre-arbítrio... Não quero mais ser dirigente da Choupana, vou sair, não quero. Tem porque o Seu Ventania continuar comigo? Não tem. Ele não vai ficar comigo só para me agradar. E assim todas as outras tarefas. Se voce deixar de ser um médium para consulta, se voce deixar de ser um médium no passe, se voce deixar de dar palestra, os amigos espirituais vão se afastar. Por mais que eles nos amem, eles estão conosco,

Entrevista

porque nós somos a mangueirinha que conduz a água que vai saciar a sede. Quem dá a água são eles, nós somos só a mangueirinha. Mangueirinha furada ainda, porque tem vazamento. O que a gente percebe é que muitas vezes o médium, seja por que motivo: ele trocou de emprego, ele mudou de estado, ele arrumou... Enfim, ele acaba se afastando da caridade, do exercício da mediunidade. Primeiro ele se desliga de uma corrente, onde individualmente ele não tinha aquele axé, aquela força, do que o grupo, quando se reúne. Isso já prejudica o rebaixamento vibratório das Entidades que trabalham com ele, para conseguir chegar até o aparelho, quando ele está fora daquele ambiente da corrente. Segundo, ele não fazendo a caridade, deixa de se beneficiar com aqueles fluídos mais elevados, mais sutis das Entidades. No que acaba? No seu dia a dia, ele acaba ficando ansioso, ficando impaciente, acaba tendo problema de dormir pouco, acaba tendo uma congestão fluídica porque ele está sensibilizado para doar ectoplasma para ser utilizado pelos amigos espirituais para cura, para os trabalhos todos com os consulentes. Ele bloqueia esse canal. Bloqueia um canal que foi sensibilizado antes dele encarnar. Muitas vezes ele pediu, ele aceitou e isso é um resgate dele, uma forma dele evoluir, se reequilibrar, resgatar alguma coisa que ele fez no passado, que foi exercício do livre-arbítrio. O médium que não trabalha, não é que ele não vai ser feliz, ou não vai ser bem sucedido, mas o médium que não trabalha na caridade, comparado com um médium que trabalha, tem mais probabilidade de ter maior grau de dificuldade. Claro que tem pessoas que se afastam da mediunidade na Umbanda, mas continuam exercendo a mediunidade por outro caminho. Esses médiuns que estão exercendo a mediunidade por outros caminhos, acabam se beneficiando, embora é temporário, do auxílio das outras Entidades espirituais que vão assistir a eles.

Marco: eu gostaria que voce desse sua opinião sobre o famosos “segredos” de Umbanda. Voce entende o que são esses “segredos”?

Norberto: eu não sei o que são esses segredos. Eu sou muito curioso, muito perguntador. Hoje se nós formos pegar em uma vasta literatura sobre magia, sobre as nações, constando ritos, como se faz, a própria Umbanda tem aí uma vasta literatura. Muitas vezes aquele “segredo”, aquela informação acaba envaidecendo a liderança. O dirigente tem que ter a humildade de que ele não sabe tudo. Eu acho que as Entidades, os Guias, também não sabem tudo, porque não são onipotentes. Tem Caboclo que é especializado em demanda. Tem outro Caboclo que é especializado em erva. Tem Preto-velho que é especializado em remover espírito sofredor. Tem outro Preto-velho que é mais de dar orientação doutrinária, mais conselho. Cada Entidade tem sua especialidade, e é dentro da faixa de conhecimento de cada um que a gente cresce, que a gente acaba se fortalecendo como médium. Eu particularmente não sei o que é segredo. Lá na Choupana todos médiuns sabem os fundamentos da casa, o assentamento, qual é o Orixá, o ritual é aberto. Claro que tem certos preceitos, certos fundamentos que o dirigente tem que ter a sensibilidade de observar e perceber que o médium que quer a instrução, não está preparado para recebê-la. Então é preciso ir dourando a pílula. Não adianta dar uma congestão de conhecimento, entornar o copo, vai sair água pelo ladrão. Tem aquele que não diz nada, só preconiza o segredo, e para voce ter acesso ao segredo voce tem que participar de determinados rituais fechados, iniciáticos, rituais esses que demoram, sete anos, quatorze, sabe-se lá quanto. E tem o outro aspecto que é a ansiedade do jovem. O jovem quer saber de tudo de forma muita rápida. Eu sempre digo: talvez a Umbanda tenha entrado em mim uns 20% nessa encarnação. Porque a Umbanda entrar dentro da gente na sua essência de amor, de humildade, de simplicidade, não é em 10, 20, 40 anos, não é numa encarnação. Agora a gente entrar dentro da Umbanda... Em um ano voce pode ler todos os livros de Umbanda que há por aí, saber tudo de ritual, daqui a pouco está entediado daquilo ali, está enjoado, vai achar que aquilo ali já não serve mais porque a essência da Umbanda não entrou dentro de ti. Eu vejo isso nos jovens. Tem pessoas que são entusiasmadas, brilham os olhos para botar o branco, ficam motivadas para botar uma guia no pes-

Entrevista

çoço, mas em um ano elas estão saindo da Umbanda. Estão saindo da Umbanda porque bate o tédio, a preguiça, bate a repetição do ritual e elas não conseguem compreender, não conseguem interiorizar, que o importante é a entrega, a vontade de servir ao próximo com amor. Isto eu sinto que falta a muitos que chegam até a Umbanda.

Marco: na sua opinião um médium ou dirigente deve exercer essa função?

Norberto: essa pergunta é bastante peculiar. Cada Terreiro é um Terreiro. Cada Centro é um Centro. Daí é difícil responder. Eu fico muito triste quando sei que tal terreiro fechou por que o dirigente morreu. As vezes são terreiros de 50, 60 anos de existência e não há sucessor. Este fato deve nos fazer repensar a centralização de poder e o "medo" de perder o cargo que existe em muito fundador. Creio que também por isto muitos fazem "segredo" e quando se ausentam ninguém sabe nada. Pessoalmente, creio que um dirigente tem por compromisso formar outros e não deve ser indispensável no terreiro. A qualquer momento podemos desencarnar, não somos eternos na matéria, e se não tiver sucessão vai fechar esse pronto-socorro, vai fechar esse entreposto de caridade no astral. Eu me preocupo com isso.

Marco: a Umbanda está as vésperas de completas 100 anos do seu anúncio por intermédio do Caboclo das Sete Encruzilhadas, através do Zélio. Como voce está vendo este momento da Umbanda?

Norberto: se nós pegarmos o que aconteceu nos últimos dez anos na Umbanda, foi muito intenso. Hoje, cada vez mais, o dirigente, o coordenador, a liderança dentro da Umbanda, tem que ter fundamentos a luz da razão, e saber se expressar e se comunicar com a comunidade, com seu grupo de médiuns, que é diferente de 30, 40 anos atrás. O nível de informação, o nível de expectativa, é diferente. A Umbanda vem se transformando, sempre se modificando, inserida na sociedade. Me sinto muito feliz com o momento que a Umbanda está passando. O maior legado que o Caboclo das Sete Encruzilhadas deixou para a Umbanda e que permanece vivo, foi associar a Umbanda a Jesus. Pode se questionar que o advento do Caboclo não foi o marco principal na formação da Umbanda, no surgimento, mas sem sombra de dúvidas ele foi o maior ícone e teve o ineditismo de associar a Umbanda a Jesus e trazer o evangelho de Jesus para o seio da Umbanda. Porque o evangelho de Jesus é cósmico, é universal, não tem seita, não tem religião e a essência da Umbanda é Crística. Eu sinto que isso está vivo dentro da Umbanda em todos os caminhos que a Umbanda vive, porque é um movimento universalista, de convergência, nós temos que ter a paciência e a capacidade de sermos diferentes sem sermos desiguais, ou desiguais sem sermos diferentes. A partir daí, conviver com aquele nosso irmão, mesmo que aquele nosso irmão faça um rito que eu não aceite, a luz da minha consciência, do meu saber, da minha razão eu não aceite, eu não posso tão somente excluí-lo. Esse excluir passa por uma iniciativa de aceitação. Aceitação essa, que dentro desse conceito de convergência da Umbanda, não quer dizer que nós tenhamos que aceitar ritos que não podem ser alinhados com a prática da caridade. Cada vez mais eu acho que os umbandistas tem que se conscientizar do seu papel perante a sociedade, porque a Umbanda é movimento de preservação da vida, de manutenção da vida, de crescimento, de evolução. A Umbanda é ecológica. Umbanda não polui o meio-ambiente e não destrói a natureza. Acima de tudo termos em espírito a vivência para a Umbanda e não da Umbanda.

Marco: eu quero te agradecer novamente por ter aceito nosso convite e dizer que para nós foi um grande prazer estar conversando com voce e estar tendo oportunidade de conhecer o seu pensamento e poder colocar isso no jornal para que as pessoas também conheçam a sua visão da Umbanda, já que voce é uma pessoa pública, dentro da Umbanda, pelo seu trabalho, pelos

Entrevista

livros que voce publica. Para nós está sendo um momento muito alegre. A gente procurou fazer algumas perguntas que fugissem um pouco do comum para que as pessoas pudessem conhecer melhor voce. Eu acho que nosso objetivo foi atingido e eu te agradeço.

Paulo: igualmente eu gostaria de agradecer muito, a sua paciência, o seu equilíbrio, a sua tranquilidade, em expor parte da sua vivência, a sua generosidade, o seu desprendimento em expressar de forma sincera a sua vivência. Eu acho que esse projeto do jornal está nos enriquecendo muito. A gente tem tido oportunidade de conhecer de bem, isso nos deixa muito felizes e a gente está sendo recebendo mais. A gente não tem motivo para ter retribuição da Umbanda, mas a Umbanda é tão maravilhosa que ela nos dá essa oportunidade. Nos aproxima das pessoas. Essa é uma necessidade que existe no meio umbandista. A aproximação. É preciso romper as barreiras. A gente fica se repetindo, mas é preciso estender as paredes dos Templos. Aproximar a parede de um Templo até a parede do próximo Templo, para que a gente possa formar uma família maior. Respeitar a diversidade, respeitar as diferenças ritualísticas ou doutrinárias, se existirem, de maneira a procurar identificar o que é convergente, aquilo com o qual a gente se identifica no outro grupo, com o outro irmão e usar essa afinidade, torná-la mais importante do que as diferenças. Eu gostaria de mais uma vez agradecer a sua ajuda, a sua colaboração. Nós ficamos muito felizes e gostaria da sua consideração final para a gente encerrar a entrevista.

Norberto: Paulo e Marco eu também agradeço a oportunidade. Peço desculpas a voces se em algum momento eu fui um pouco enfático. Sempre quando eu falo da Umbanda, da mediunidade, do espiritualismo, eu fico um pouco sério. É de saber o quanto a Umbanda necessita de conhecimento, de fundamento, de como voce falou, romper essas barreiras, de derrubar paredes, de começarmos a olhar para o lado, não só para o umbigo. Eu fica agradecido da oportunidade. Eu sou como caramujo, eu não gosto de me expandir muito, de fazer muito alarido. Quando eu recebi o convite do Marco, eu prontamente fui intuito a responder sim, primeiro pela afinidade e pela seriedade do trabalho de voces aí em Curitiba. Segundo a gente é "pau mandado", então se os amigos espirituais dizem que sim, voce tem que ir lá e simplesmente obedecer. Espero de alguma forma estar contribuindo com o trabalho de voces, podem contar comigo para outras oportunidades, o que voces precisarem também da Choupana aqui em Porto Alegre. E acho que é assim que a gente se fortalece, é formando amizades, conhecendo pessoas com o mesmo ideal que a gente, porque aí a gente tem uma referência. Olha voce está no caminho certo! Voce viu lá, que eles tem coisas que é igual a voce. Tem as mesmas dificuldades ou os mesmos sucessos. Acho que assim a gente cresce e a Umbanda cresce. Obrigado.

Esta entrevista foi realizada em 20/07/2006
Foi iniciada às 20:30 e terminou às 23 horas.

A pauta foi preparada pelo Marco e por mim (Paulo).

Fizemos a entrevista via internet, usando o paltalk(www.paltalk.com).

Usamos uma sala privada e temporária que criamos ao iniciar.

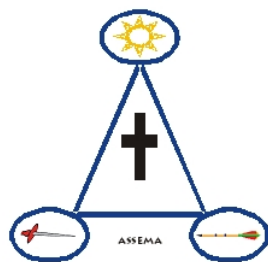
O Norberto falou da casa dele em Porto Alegre e eu e o Marco falamos da minha casa em Curitiba.

Participantes

Norberto Peixoto
Choupana do Caboclo Pery
Porto Alegre - RS
norpe@portoweb.com.br

Marco Boeing
Associação Espiritualista Mensageiros
de Aruanda Curitiba-PR
marco@ics.curitiba.org.br

Paulo C. L. Vicente
Templo Espiritualista Sol e Esperança
Templo Espiritualista Anita Zippin Curitiba/PR
pauloclvicente@gmail.com



Associação Espiritualista Mensageiros de Aruanda

Fundado em 5 de dezembro de 2003
Rua Marcílio Dias, 433 - Bairro Alto - Curitiba-PR

Dirigentes: Marco Boeing e Fátima Boeing

marco@ics.curitiba.org.br

Os trabalhos são realizados aos sábados, a partir das 16 horas

Programação habitual: passes na Linha de Caboclos,
atendimento na Linha pretos-velhos
atendimento da Linha de Exús

de acordo com calendário:

chamadas nas linhas de Xangô, Ogum, Yemanjá, Iansã e Oxum
chamadas nas linha auxiliares: Boiadeiros, Marinheiros, Ciganos e Baianos



Associação de Pesquisas Espirituais Ubatuba

Templo de Umbanda Branca do Caboclo Ubatuba

Fundado em 17 de janeiro de 1981

Rua Romildo Finozzi, 137

Jardim Catarina (Zona Leste) – São Paulo/SP - CEP 03910-040

Dirigente espiritual: Silvio F. Costa Mattos

Email para contato: scm-bio@bol.com.br

Sessões às sextas-feiras a partir das 20:30 hs. – Atendimento gratuito



Centro de Umbanda Caboclo Arruda

Rua Bandeirantes Dias Cortes, 166 Jardim Social - Curitiba - PR

Dirigente: Edward James Harrison (Jimmy)

edwardjamesharrison@yahoo.com.br

Umbanda Esotérica. Os trabalhos são realizados às quintas-feiras, a partir das 20 horas.

Primeira quinta-feira: Linha auxiliar

Segunda quinta-feira: Linha de Pretos-velhos

Terceira quinta-feira: Linha do Oriente

Quarta quinta-feira: Linha de Caboclos

Paralelamente as giras são realizadas sessões de apometria



Centro de Umbanda Emissários da Luz Caboclo Pena Verde

Rua Madre Leonie, 1000 - Tarumã/Cristo Rei - Curitiba-PR

Dirigente: Ignez Jorgensen

Trabalhos às sextas-feiras as 20:00 hs.

Email: umbanda_penaverde@yahoo.com.br

Blog: <http://umbandapenaverde.blogspot.com>



Centro Espiritualista Caboclo Pery

Fundado em 23 de setembro de 1998

Rua 21, Quadra 30, Lote 10

Loteamento Maravista - Itaipu - Niterói-RJ

<http://www.caboclopery.com.br>

Dirigente: Mãe Iassan Ayporê Pery

contato@caboclopery.com.br

Choupana do Caboclo Pery

Fundada em 13 de maio de 2006

Rua Antunes Ribas, 297 - Bairro Jardim Itú - Porto Alegre - RS
Casinha de madeira, azul, janelas brancas, com coqueiro na frente.

<http://www.choupanadocaboclopery.blogspot.com/>

Contato: sarava@portoweb.com.br

(51) 9918 1827



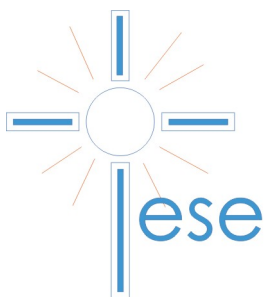
Dirigente Espiritual: Norberto Peixoto

Horários e dias de atendimento

Sábados: caridade pública – passes e consultas- , sessões quinzenais: 29/07 - 12/08 - 26/08 - 09/09 - 23/09 - 07/10 - 21/10 - 04/11 - 18/11 - 02/12 - 16/12

15:30 h - palestra universalista 16:00 h - abertura sessão de caridade
17:30 h - encerramento

Segundas-feiras: corrente de cura e desobsessão do sr. Pena Branca
apometria e oriente, atendimento semanal,
somente com marcação nas consultas por Entidade manifestada.



Templo Espiritualista Sol e Esperança

Fundado em 17 de janeiro de 1980

Templo Espiritualista Anita Zippin

Travessa Belo Horizonte, 33 - Batel - Curitiba-PR

<http://soleesperanca.z6.com.br>

Dirigentes: Magali Okazaki e Massatake Okazaki (Eduardo)

revema1@terra.com.br

Os trabalhos são realizados aos sábados, a partir das 20:30 horas

Programação habitual:

Passes na linha Caboclos e consultas na linha Pretos-Velhos.
Segundo a necessidade é feita chamada especial na Linha do Oriente.

Mensalmente, no sábado mais próximo da lua cheia,
gira na Linha da Quimbanda.

Expediente

Nome: Correio da Umbanda

Periodicidade:

- Mensal ou bimestral dependendo do material existente
- Primeira edição: 01/01/2006

Formato:

- eletrônico (PDF - para ser lido com o Adobe Acrobat Reader)
- não haverá impressão em papel
- cada leitor poderá imprimir suas edições de acordo com a sua necessidade e conveniência

Contribuições:

- já devem estar digitadas, preferencialmente, no formato do word (.doc)
- devem conter nome do autor
- devem conter nome do agrupamento ou instituição a que pertence
- devem conter nome, endereço, página na internet (se existente) do Templo onde o agrupamento atua
- ao extrair informações de outras publicações ou sites na internet devem ser mencionadas suas fontes, como referências bibliográficas
- devem ser enviadas para correiodaumbanda@gmail.com

Forma de divulgação:

- envio de email a contato nos agrupamentos, para repasse posterior
- download a partir de sites ligados a Umbanda, onde for permitida hospedagem

Faz parte do propósito do Correio da Umbanda:

- Compartilhar informações sobre a Umbanda
- Compartilhar vivências na Umbanda
- Usar de bom senso ao argumentar e expor entendimento e opinião
- Que cada artigo a ser divulgado deva refletir a opinião de cada autor, e não representar a opinião de agrupamento, templo ou instituição
- Que a partir das informações divulgadas os leitores possam refletir, tirar suas conclusões e filtrando aquilo que acharem adequado, possam enriquecer seu conhecimento
- Estimular a concórdia e a união, a convergência gradual e pacífica e o respeito a diversidade
- Aproximar a comunidade Umbandista. Para isso, ao final de cada edição, será divulgado nome, agrupamento e templo ou instituição a que pertence, atua ou atuou cada autor dos artigos divulgados.

NÃO FAZ PARTE DO PROPÓSITO do Correio da Umbanda:

- promoção pessoal, de agrupamento, de Templo ou Instituição
- divulgação de informações que não digam respeito a Umbanda
- codificação, uniformização ou imposição de práticas, ritos ou elementos doutrinários
- imposição de entendimento ou opinião
- divulgação política
- cessão de espaço de divulgação através de patrocínio